

Sumário dos Ecos de setembro-outubro de 2006

Vida espiritual

- 306 Carta de 12 outubro de 2006
Irmã Evelyne Franc, Superiora geral
- 308 11ª Ficha: Capítulo VI: O Governo. As Assembléias
Padre Javier Alvarez, Diretor geral
- 320 Pista para o retiro mensal: “Libertar o coração dos maus sentimentos” (cf. Mc 7)
Padre Javier Alvarez, Diretor geral

Encontro de Visitadoras

- 324 Respostas das Filhas da Caridade às catástrofes naturais – Introdução
- 325 O Tsunami
Irmãs Josefina Estremera, Rose Kidengean, Anna Soepraptiwi, Visitadoras da Tailândia, da Índia do Sul, da Indonésia.
- 328 O furacão Katrina
Irmã Marie-Thérèse Sedgwick, Visitadora de São Luís (USA)
- 331 O furacão Stan
Irmã Rosa Elvira Gomez, Visitadora da América Central

Desafios atuais

- 334 Por uma nova ordem humanitária
Dr. Mark R. von Sternberg, advogado das caridades católicas do Arcebispado de Nova York
- 344 Experiência de um migrante
Senhor Limsry Pin, permanente da Capelania cambojana

Atualidade das Províncias

Visita dos Superiores

- 352 Visita das 3 Províncias das Antilhas: Porto Rico, Santo Domingo, Cuba.
Um grupo de Irmãs
- 355 Visita da Província da Tailândia
Irmã Violeta Cecilio, Filha da Caridade
- 358 Visita aos participantes dos Estudos vicentinos interprovinciais de Salamanca
Irmã Maria Angeles Infante, Filha da Caridade

Testemunho das Irmãs

- 362 Província de Cracóvia: Encontro interprovincial das Visitadoras e das Formadoras dos países eslavos
Irmã Anna Brzek, correspondente dos Ecos
- 364 Província de Curitiba: 4º Encontro interprovincial das Irmãs que vivem em pequenas implantações nos meios populares
Irmã Bárbara Valenga, correspondente dos Ecos
- 366 Província de Barcelona: Uma aposentadoria ativa
Irmã Rosa Mendoza, correspondente dos Ecos
- 368 Província de Cracóvia: Processos para que a escola pública de Szczodrowo tenha o nome de Irmã Marta Wiecka
Irmã Adolfina Dzierzak, Filha da Caridade

Palavra dos Pobres

- 372 Província da Bélgica: Seis anos, é muito ou pouco?
Vladimir (Trecho do jornal provincial da Bélgica n° 195)

História da Companhia

- 373 Nossa Senhora da Missão
Irmãs do Serviço dos Arquivos da Casa-Mãe

Errata: Um trecho escapou no artigo sobre o ‘Projeto Dream’ p. 254, 3º § da revista n° 4. Veja a frase exata: “Com efeito, os dois terços das pessoas, portadoras do vírus, vivem na África Sub-saariana, bem como 70% das mulheres no mundo são atingidas pelo vírus”.

IRMÃ EVELYNE FRANC, SUPERIORA GERAL

Carta de 12 de outubro de 2006

À todas as Filhas da Caridade

Minhas queridas Irmãs,

Neste mês do Rosário durante o qual nos encontramos próximas de Maria para confiar-lhe as intenções da Igreja, da Companhia e rezar pelas Missões, tenho a alegria de enviar-lhes algumas *notícias de família* a fim de reforçar a comunhão entre nós.

Fui informada há pouco que a causa de beatificação de Irmã Lindalva Justo de Oliveira recebeu o parecer favorável da Comissão dos Teólogos no dia 26 de setembro de 2006. Como nossa Irmã é mártir, não precisa de um milagre. Para que o procedimento fique completo, faltam apenas a reunião dos Cardeais e o decreto do Santo Padre. Tudo faz pensar que a beatificação acontecerá no Brasil, no próximo ano, por ocasião da visita do Papa Bento XVI. É uma grande alegria para nossas Irmãs do Brasil e para a Companhia inteira e, é um

belo exemplo de paixão e de radicalidade no serviço dos pobres. Teremos a oportunidade de lembrar de Irmã Lindalva que morreu mártir servindo os pobres, na Sexta-feira santa do dia 9 de abril de 1993, em Salvador, Estado da Bahia – Brasil. Lembro-lhes que dois artigos dos Ecos da Companhia já lhe foram dedicados, em julho-agosto de 1993 e em maio de 2001.

A outra *notícia de família* refere-se à Irmã Suzanne Guillemin da qual celebraremos o centésimo aniversário de nascimento segunda-feira próxima, 16 de outubro. Sabemos o quanto Mère Guillemin marcou a Companhia e o quanto seu ensinamento permanece atual. Proponho pois, a cada Província oferecer uma Eucaristia em Ação de graças por sua vida, neste 16 de outubro ou num dos dias seguintes.

Permitam-me citar algumas expressões bem conhecidas tiradas da última circular de Mère Guillemin, de 2 de fevereiro de 1968 na qual ela tratou particularmente do serviço dos pobres, e que Irmã Lindalva colocou em prática em sua vida e em sua morte:

“O serviço não é outra coisa do que a colocação em prática do amor”.

“Nós sabemos que o sofrimento e a pobreza são marcas certas da passagem de Deus em uma vida”.

“Nossa razão de ser, é de encarnar a caridade”.

“Nós temos que humanizar a técnica e fazer dela o veículo da ternura de Cristo”.

“Cada um de nossos gestos está verdadeiramente “a seu serviço”, porque é a Companhia inteira que lhe está dedicada, e nela tudo visa para esta finalidade”.

Gostaria de terminar as *notícias de família* evocando a realidade que todas nós conhecemos, do aumento do fanatismo político e religioso, passando pela situação dos pretendentes de asilo e de todos os refugiados do mundo inteiro, sem esquecer a violência que se banaliza a nível global, até o frágil equilíbrio que reina atualmente no Próximo Oriente. Todos estes acontecimentos denigrem as relações internacionais, nacionais, regionais e locais. É por isso que, em fidelidade a São Vicente e Santa Luísa, pensando em Mère Guillemin, em Irmã Lindalva, quero assegurar especialmente às Irmãs que se deparam com estas situações e sofrem com os pobres que servem, que a oração e o apoio de toda a Companhia lhes são assegurados. Todas, lá onde o Senhor nos colocou, não importa nossa idade ou nosso ofício, testemunhamos seja por nossa simples presença, ou por nosso serviço direto, e sempre por nossa oração o *“Amor de Deus pelo mundo, particularmente pelos pobres”* 17 b.

Daqui até o Natal, eu terei a alegria de estar na Polônia com o Padre Javier e Irmã Zofia para uma reunião dos Conselhos das cinco Províncias de língua Eslava e da Região da Albânia, depois no Líbano e na Síria com Irmã Marie-Bernard, nos Estados Unidos com Irmã Margaret nas Províncias da Albânia Nova York e São Luís e, finalmente, em Roma com Irmã Mariarosa Camminati para o trigésimo aniversário do Seminário Interprovincial. Confio todas estas visitas e as de outras Conselheiras às vossas orações.

Que o Senhor, pela intercessão da Virgem Maria, vele pela Companhia!

Com a certeza de minha oração e de minha afeição fraterna,

Irmã Evelyne Franc
Filha da Caridade

PADRE J. ÁLVARES, DIRETOR GERAL

11ª Ficha de estudo das Constituições renovadas

CAPÍTULO VI: O GOVERNO

**AS ASSEMBLÉIAS
(C. 84-87; E. 68-71)**

I. INTRODUÇÃO

A última parte do capítulo que fala do governo nas Constituições e Estatutos é dedicada às Assembléias. É normal, pois a Assembléia geral é o órgão de governo mais importante na Companhia e goza de autoridade suprema (cf. C. 87d), como iremos constatar. As Assembléias domésticas e provinciais, embora não sejam legislativas, mas consultivas (cf. C. 86e), são uma maneira de colaborar com o governo local ou provincial nas tomadas de decisões, na elaboração das Normas, das linhas de ação, das prioridades, bem como de outras orientações referentes a comunidade local ou provincial.

No dia 27 de agosto de 1660, um mês antes da morte de São Vicente e seis meses depois da morte de Santa Luísa, realizou-se em Paris o que podemos considerar a primeira “Assembléia” da Companhia, convocada por São Vicente para eleger as “Oficiais”, ofícios equivalentes aos de Conselheiras, hoje. Esta foi uma Assembléia muito especial, se nós a olhamos a partir do que hoje entende-se por Assembléia. Porém, parece que a Companhia considera esta “Assembléia” como o embrião que foi se desenvolvendo até incluir nas Constituições e Estatutos atuais, o conceito que temos hoje sobre as Assembléias. Por isso foi colocado esse texto como introdução desta última parte do capítulo.

Nesta ficha destacaremos as mudanças que foram introduzidas nas Constituições de 2004 em relação às de 1983. Dedicaremos um parágrafo às questões relacionadas com as Assembléias em geral, e apresentaremos as três espécies de Assembléias que existem na Companhia: domésticas, provinciais e gerais.

II. PONTOS RINCIPAIS DA FICHA

1. As Assembléias

O artigo 84 das Constituições nos indica a finalidade das três espécies de Assembléias que existem na Companhia: *“avaliar e promover a fidelidade ao carisma próprio e a vitalidade apostólica”*. Para alcançar este objetivo, cada vez a Superiora geral com seu Conselho escolhem um tema, depois de ter consultado as Visitadoras. As Assembléias são preparadas e realizadas em conformidade com os Diretórios aprovados pela Superiora geral com seu Conselho (cf. E. 71b). Cada Província pode elaborar seus Diretórios para as Assembléias domésticas e provincial. Habitualmente, a Superiora geral com seu Conselho apresenta um modelo desses dois Diretórios para orientar o trabalho de elaboração. A Quase-província, formada pela Casa-Mãe de Paris e Maria Imacolata em Roma, segue seus Estatutos particulares (cf. C. 84a, b, c).

A Assembléia provincial prepara a geral, assim como a Assembléia doméstica prepara a provincial (cf. C. 86a; 85a). Por isso, depois que o Superior geral convoca a Assembléia geral (cf. C. 87a), a Visitadora convoca a provincial e a Irmã Servente a doméstica (cf. C. 86a; 85b). A Superiora geral com seu Conselho costuma elaborar um planejamento no qual é marcado o tempo para preparar e realizar essas Assembléias, a fim de que possam enviar no prazo previsto, todo o material à comissão preparatória da Assembléia geral.

As Assembléias gerais de 1985, 1991 e 1997 elaboraram cada uma, um Documento final (*“Na encruzilhada”*, *“Junto ao poço de Jacó”* e *“Um fogo novo”*). Cada um desses documentos dinamizou a Companhia inteira, em relação com o tema da Assembléia. A Assembléia de 2003, ao ter como finalidade a revisão das Constituições e dos Estatutos, não produziu um Documento final, mas deixou ao cuidado da Superiora geral com seu Conselho

de redigirem para toda a Companhia as “*Linhas de Ação*” para revitalizar cinco pontos de insistência de nossa vida até a Assembléia geral de 2009.

As Assembléias celebram-se cada seis anos (cf. C. 87b). É o espaço de tempo que a Companhia julga conveniente para renovar os cargos do governo geral, refletir nas consequências das profundas e rápidas mudanças de nosso tempo e rever a maneira de viver nosso carisma e nossa missão de serviço dos pobres.

Na Companhia, todas as Irmãs são responsáveis pela fidelidade ao carisma e a vitalidade da missão apostólica. É no momento das Assembléias que elas podem exercer essa co-responsabilidade. É aí que elas superam o pequeno círculo de sua comunidade e de seu serviço para entrar em contato com as inquietações da Companhia inteira, para sentirem-se membros ativos e solidários desse corpo, para reforçar sua pertença à Companhia e o seu caráter internacional.

As Assembléias são um instrumento a serviço da ação transformadora do Espírito Santo. Isto exige das Irmãs, atitudes de conversão, de oração, de diálogo e abertura, de participação e de liberdade. É preciso considerar as Assembléias como a passagem de Deus, como um tempo de graça que comunica a esperança, que reanima e oxigena a Companhia. Sem estas atitudes, as Assembléias reduzem-se a uma série de atos e de formalidades que devem ser cumpridas cada seis anos e que não justificam nem o tempo e nem os meios.

O Estatuto 68 precisa um detalhe importante que se aplica às três espécies de Assembléias, quando se trata de eleições e de votação (a menos que o direito próprio diga outra coisa): para isto deve-se observar o cânon 119. Isto é, será necessário a maioria absoluta (cf. Léxico das Constituições p. 202).

2. A Assembléia doméstica

Poucas são as mudanças introduzidas no que se refere à Assembléia doméstica. O mais importante se refere à participação das Irmãs do Seminário nesta Assembléia (cf. C. 85c; 42b), algo que não era determinado nas Constituições de 1983. Certamente essa participação limita-se ao uso da palavra. A razão desta limitação é porque, ao estar começando sua caminhada na Companhia, sua contribuição nas tomadas de decisões não seria muito objetiva. As Irmãs do Seminário participam das Assembléias domésticas, seja nas Comunidades locais onde estiverem, seja no Seminário. Requer-se a opinião da Diretora e da Visitadora (cf. C. 85c).

Para a Companhia, a Assembléia doméstica tem uma grande importância. Prova disto é que todas as Irmãs de cada comunidade, até mesmo as ausentes, devem ser convocadas, e se alguma não puder participar na da sua comunidade ela é convidada a participar lá onde lhe for possível. (cf. C. 85c).

Os assuntos a serem tratados na Assembléia doméstica podem vir do nível geral ou do governo provincial e da realidade da própria comunidade. Nesses três níveis são feitos Postulados e propostas dirigidas à Assembléia provincial ou à Visitadora e seu Conselho (cf. C. 85d).

3. A Assembléia provincial

O artigo 86a e b insistem sobre o fato de que a Assembléia provincial ordinária seja uma preparação para a Assembléia geral. Ambas são realizadas a cada seis anos. A Assembléia

provincial deve terminar no prazo fixado pela Superiora geral com seu Conselho (cf. C. 86c). Assim, a Província tem tempo de enviar o material que servirá para preparar a Assembléia geral. Nas Províncias há sempre a possibilidade de ter uma Assembléia extraordinária, se a Visitadora julgar que isto é necessário, com o acordo da Superiora geral com seu Conselho. Isto seria, evidentemente, nos casos excepcionais e muito importantes. Na realidade, as Assembléias provinciais extraordinárias são realmente raríssimas.

O artigo 86b constitui uma mudança com relação o artigo 3. 49 das Constituições de 1983. Agora é a Visitadora e não o Diretor quem preside a Assembléia provincial. Temos aí uma nova aplicação do princípio de subsidiaridade e a concordância da legislação com a prática. O artigo 86d, levando em conta a realidade da Companhia, inclui na lista dos membros de ofício a Vice-Visitadora e a Responsável Regional. A utilização da expressão “Responsáveis pela formação” que não está bem clara foi devido às diversas maneiras que existem nas Províncias de organizar a formação e o número de quantas Irmãs são responsáveis pelas diferentes etapas. O texto das Constituições não especifica nem o número e nem quais são as pessoas responsáveis pela formação que podem participar da Assembléia provincial como membros de ofício.

O artigo 86d utiliza as expressões: Irmãs que gozam de “voz ativa” e de “voz passiva”. No Léxico explica-se bem o que elas significam (p. 207). A Visitadora com seu Conselho pode escolher um método para a eleição das delegadas à Assembléia provincial, em seguida, ela o submeterá à aprovação da Superiora geral com seu Conselho. No que refere-se as modalidades, é importante buscar equilibrar, as idades e os diferentes serviços das Irmãs delegadas. O número de membros eleitos deve ser, pelo menos, igual ao de membros de ofício (cf. C. 86d). Ele pode até mesmo ser maior. Algumas Províncias convidam Irmãs como auditoras. A intenção é louvável, desde que o serviço dos pobres não seja prejudicado.

A C. 86e enumera os assuntos a serem tratados na Assembléia provincial: eleição das delegadas e suplentes para assistir à Assembléia geral, de acordo com a proporção estabelecida pelo E. 70; proposição de nomes para o cargo de Conselheira geral. A Assembléia provincial estuda também, o tema proposto para a Assembléia geral, formula os Postulados e as Proposições que ela desejar enviar à Assembléia geral ou à Superiora geral ou à Visitadora. E, logicamente, a Assembléia provincial é o lugar e o momento mais adequado para estudar os assuntos da Província. O Estatuto 61b destaca um desses assuntos: a preparação das Normas provinciais. O artigo 86e lembra-nos, no final, que a Assembléia provincial é “*consultiva, informativa, mas não legislativa*”. Entre outras coisas, isto significa que a Assembléia provincial não pode impor suas decisões ao governo provincial. Mas, é bom que a autoridade provincial assuma as orientações e as proposições votadas pela Assembléia, se não houver maiores razões que a isto se oponha, aí está um princípio elementar de governo.

4. A Assembléia geral

Antes de entrar nos aspectos mais importantes relativos à Assembléia geral, bem como nas três pequenas mudanças que ocorreram nas Constituições de 2004, podemos ver em rápidas pinceladas, a história das Assembléias gerais na Companhia ¹.

As origens

Na Companhia, começou-se a falar de Assembléias no tempo do Pe. Bonnet (1711 - 1736). Cada seis anos, as Visitadoras se reuniam na Casa Principal de Paris com o Superior geral, a Superiora geral e seu Conselho para deliberar sobre as necessidades da Companhia. E, evidentemente, elas participavam da eleição da Superiora geral. É necessário lembrar que,

naquele tempo, havia apenas 14 Províncias na Companhia, em França e na Polônia. Nós não possuímos nenhum relatório dessas Assembléias, exceto uma alusão muito breve que aparece na Circular de Mère Deleau de 18 de abril de 1792, na qual ela fala da lei de 6 de abril de 1792 que suprimia todas as Congregações Religiosas na França.

O termo “Assembléias gerais” aparece oficialmente nas Constituições de 1954. Mas, naquele momento, as Assembléias não tinham outra função a não ser a eleição da Superiora geral e de seu Conselho. Foi assim que, por exemplo, a Assembléia geral de Pentecostes de 1956, que contou com a presença de 46 Visitadoras reelegeu Mère Lepicard para um mandato de seis anos, seu único objetivo.

Na Assembléia seguinte, em Pentecostes de 1962, as coisas começaram a mudar (54 Visitadoras). Mère Guillemain foi eleita. É a época da preparação e da abertura do Concílio Vaticano II, este tempo foi marcado por um desejo de renovação. Para que a Companhia pudesse caminhar sobre os mesmos passos da Igreja, Mère Guillemain empreendeu um grande trabalho de revisão na Comunidade. As Irmãs do mundo inteiro foram consultadas sobre os valores da vocação, a formação, a atualização do Consuetudinário... Tudo isso serviu como uma preparação para entender as Assembléias gerais de uma outra maneira.

Assembléia extraordinária de 1968 – 1969.

A renovação de todas as Congregações pedida pela Igreja deveria ser feita de acordo com o Decreto emanado do Concílio Vaticano II, *Perfectae caritatis* e os documentos *Eclesiae sanctae* (6 de agosto de 1966) e *Renovationis causam* (6 de janeiro de 1969). Os Superiores gerais, Pe. Slattery e Mère Guillemain convocaram esta Assembléia para elaborar as novas Constituições. A Sagrada Congregação para os Religiosos e os Institutos Seculares concedeu à Assembléia geral o poder de legislar. Foi por isso que, pela primeira vez, realizaram-se em primeiro lugar, as Assembléias domésticas e, posteriormente, as provinciais, que enviaram as delegadas à Assembléia geral onde, pela primeira vez, elas puderam apresentar Postulados. Podemos dizer que, a partir deste momento, as Assembléias passam a ter praticamente a mesma estrutura que têm atualmente.

A Assembléia de 1968 – 1969 foi chamada “extraordinária” por causa do trabalho que empreendeu: precisou reformular completamente as Constituições de 1954 e adaptá-las às orientações dadas pela Igreja. Por isso, a Assembléia foi realizada em duas sessões, uma em 1968 e outra em 1969.

Assembléias de 1974 e de 1979-1980.

Estas duas Assembléias foram qualificadas como “*Assembléias ordinárias com funções extraordinárias*”. A primeira Assembléia foi convocada pelo Pe. Richardson e a Mère Chiron, a segunda pelo Pe. Richardson e a Mère Rogé. As duas Assembléias tiveram o mesmo objetivo: continuar a revisão e a redação das novas Constituições e Estatutos. O grande evento que culminou esta etapa foi a aprovação das novas Constituições, em fevereiro de 1983, pela Sagrada Congregação de Religiosos e Institutos Seculares.

As Assembléias ordinárias de 1985 e 1991.

As duas Assembléias mudaram de orientação e tiveram por tarefa voltar-se para a vida. A Assembléia de 1985 convocada pelo Pe. McCullen e Mère Rogé teve também que contemplar alguns pontos jurídicos (Aditivos) que não tinham sido possível prever pela

coincidência da publicação das Constituições e Estatutos com a publicação do novo Código de Direito Canônico.

A Assembléia de 1991 convocada pelo Pe. McCullen e Mère Duzan foi consagrada à “*Filha da Caridade no e para o mundo de hoje*”. Esta Assembléia também redigiu e acrescentou três aditivos às Constituições e outros três aos Estatutos que foram aprovados por Roma, em 31 de agosto de 1991.

A Assembléia geral de 1997.

Pela sexta vez, a Companhia, em conformidade com suas Constituições e Estatutos, realizou uma nova Assembléia geral convocada e presidida pelo Pe. Maloney e Mère Elizondo. Como as anteriores, esta foi uma Assembléia digna deste nome: havia representação da Companhia inteira através dos seus membros de direito (de ofício) e de Irmãs delegadas (representantes). Gozou de autoridade suprema para eleger a Superiora geral bem como as Conselheiras, para legislar – se fosse necessário – por meio de Estatutos ou Decretos e, inclusive, poderia modificar artigos das Constituições, se dois terços de seus membros estivessem de acordo e, se a Congregação dos Institutos de Vida Religiosa e Sociedades de Vida Apostólica concedesse sua aprovação.

Esta Assembléia de 1997 fez uma “revisão de vida” a partir do tema “*Inculturação do carisma num mundo em mutação*”, mais especificamente a vida fraterna e o estilo de vida. Entre as proposições, foi aprovada uma que pedia a revisão das Constituições à luz da inculturação.

A Assembléia geral de 2003.

Com o tema “*Chamadas para revitalizar*”, o Pe. Maloney e a Mère Elizondo convidaram a Companhia inteira a revisar as Constituições de 1983. O fruto desta Assembléia foi perfeitamente concretizado pelas Constituições renovadas, de acordo com as orientações da Igreja, o atual Código de Direito Canônico de 1983, o carisma dos Fundadores e os sinais dos tempos. Elas foram aprovadas no dia 25 de março de 2004.

Este breve resumo histórico pode nos ajudar a compreender com mais profundidade os artigos das Constituições que se referem diretamente à Assembléia geral. O comentário que fazemos aqui de alguns artigos não substitui a leitura pessoal. De toda esta parte que fala da Assembléia geral, devemos assimilar os seguintes pontos:

Finalidade e circunstâncias da Assembléia geral.

A finalidade, nós a encontramos no artigo 84a. Esta é para todas as Assembléias, e nós a aplicamos à geral. A Assembléia deve considerar o passado recente para “avaliar” o período transcorrido depois da última Assembléia geral. Trata-se de uma revisão de vida da Companhia a partir do documento emanado da última Assembléia. Mas, depois de olhar o passado, é necessário, também, olhar o futuro.

“*Promover a fidelidade ao carisma próprio e a vitalidade apostólica*” (C. 84a), no contexto da Assembléia geral significa: discernir os aspectos da vida e da vocação das Filhas da Caridade sobre os quais devemos insistir e revitalizar, levando em conta, os apelos da Igreja, as necessidades dos pobres, os diferentes contextos culturais onde vivem as Irmãs e as necessidades da Companhia. Evidentemente, tudo isso deve ser feito a partir do Evangelho e

do espírito de nossos Fundadores. Como podemos observar, o discernimento que uma Assembléia geral deve realizar não é uma tarefa fácil.

Em relação às circunstâncias (quem convoca? em que data? onde?...) não houve nenhuma mudança: continua sendo o Superior geral com o consentimento da Superiora geral com seu Conselho quem convoca a Assembléia geral ordinária (cf. C. 87a) e a extraordinária. Para a convocação desta última, além do consentimento da Superiora geral com seu Conselho, é necessário também consultar todas as Visitadoras (cf. C. 87f).

Membros da Assembléia geral

As Constituições e Estatutos de 1983 apresentam uma lista dos membros de ofício que participam da Assembléia, as novas acrescentaram “*as Vice-Visitadoras ou suas substitutas, as Responsáveis regionais ou suas substitutas, uma Irmã Servente da Quase-Província eleita pelas Irmãs Serventes da Quase-Província ou sua substituta*” (C. 87c). No Aditivo 11 da Assembléia de 1997, as Responsáveis Regionais participavam da Assembléia geral, mas só tinham direito à palavra. Hoje, elas são membros de pleno direito, exatamente como as Visitadoras. O mesmo, podemos dizer para as Vice-visitadoras (embora neste momento não haja nenhuma na Companhia). Para a Quase-província que tem uma nova estrutura com Estatutos particulares reconhecidos pelas Constituições e Estatutos de 2004 (cf. E. 47) foi incluída na lista dos membros de ofício da Assembléia, uma Irmã Servente. No que se refere às Irmãs delegadas à Assembléia geral: também foi incluída “*uma Irmã eleita pela Assembléia da Quase-Província ou sua suplente*” (C. 87c). Estas duas últimas inclusões parecem lógicas, se consideramos que a Quase-Província se assemelha a qualquer outra Província da Companhia: uma Irmã Servente participa como membro de ofício, visto que a Irmã que ocupa o cargo de Visitadora (uma Conselheira geral) participa da Assembléia como membro de ofício; e uma outra é delegada, com se faz em qualquer outra Província (cf. E. 70).

Uma vez determinado o número de membros de ofício, bem como das delegadas, as Constituições acrescentam que “*O número de delegadas deve ser ao menos igual ao dos membros de ofício*”. Isto não é novo, mas é dito também: “*Quando o número de delegadas é inferior ao dos membros de ofício, a Superiora geral com seu Conselho, determina um método para completar o número requerido*” (C. 87c). Isto é novo. É uma nova maneira de insistir sobre a mesma idéia: a representação democrática à Assembléia. Afinal, a “*A Assembléia geral representa de modo imediato toda a Companhia*” (C. 87a). E aqui temos uma confirmação disto.

Eleição da Superiora geral, da Assistente e das Conselheiras gerais

Como nas Constituições de 1983, também nestas é sempre o Superior geral quem controla as cédulas de voto e quem proclama o nome da Superiora geral (cf. C. 87d). Onde ocorreu uma pequena mudança foi na eleição da Assistente e das Conselheiras. Não é mais o Superior geral quem controla o voto e anuncia os nomes das eleitas, mas a Superiora geral (cf. C. 87d). Neste trecho está bem claro, as funções do Superior geral e da Superiora geral.

III. QUESTIONÁRIO PARA FACILITAR A REFLEXÃO PESSOAL E OS INTERCÂMBIOS COMUNITÁRIOS (INTERCOMUNITÁRIOS OU PROVINCIAL...)

- * Comparar as Constituições renovadas com as Constituições de 1983. Ver as mudanças que foram introduzidas nos artigos que correspondem a esta ficha.

- * Sublinhar os pontos que chamaram sua atenção sobre este tema das Assembléias, no texto das Constituições ou na ficha de explicação.
- * Fazer um paralelo entre os princípios de “participação e co-responsabilidade” com cada um dos três níveis de Assembléia.

IV. LEITURAS COMPLEMENTARES PARA APROFUNDAR OS CONTEÚDOS DESTA 11ª FICHA

* Pe. Michel LLORET, *As “Assembléias” na Companhia*, Ecos da Companhia (março 1991) p. 97-104.

* Irmã Juana ELIZONDO, *as Assembléias. Um compromisso pessoal e comunitário*, Ecos da Companhia (junho de 1995) p. 201-207.

* Id. *A Irmã Servente e as Assembléias*, “Ecos da Companhia” (setembro-outubro de 1995) p. 288 – 294.

* Pe. Fernando QUINTANO, *Atitudes antes das Assembléias*, Ecos da Companhia (setembro-outubro de 1995) p. 295 – 298.

Pe. Javier Álvarez, *Diretor geral*
Pe. Fernando Quintano, *cm*

Notas

¹Muitos dos dados apresentados aqui foram tirados do artigo do Padre Michel Lloret, *As “Assembléias” na Companhia*, Ecos da Companhia (março de 1991) p. 97 a 104.

Padre Javier Alvarez, Diretor geral

Pista para o retiro mensal

Libertar o coração dos maus sentimentos

(cf. Mc. 7)

“Nada há fora do homem que, entrando nele, o possa manchar; mas o que sai do homem, isso é que mancha o homem. Porque é do interior do coração dos homens que procedem os maus pensamentos: devassidões, roubos, assassinatos, adultérios, cobiças, perversidades, fraudes, desonestidade, inveja, difamação, orgulho e insensatez. Todos estes vícios procedem de dentro e tornam impuro o homem”. (Mc 7 15, 21-23). O coração do ser humano precisa estar cheio de sentimentos e emoções. Ninguém suporta os espaços vazios. No entanto, trata-se de ver se todos os sentimentos que habitam o nosso coração são bons. Haveria alguns sentimentos ruins que nos destroem? O que fazer? Como reconhecê-los? Como substituí-los? ...Hoje, convido-as a meditar este tema vital que Jesus nos apresenta no capítulo 7 de São Marcos e que eu retomei na citação do título deste retiro mensal.

Quando um sentimento ou uma afeição é muito forte, chamamos de “paixão”. Há as paixões que são boas e outras que são más, de acordo com o conteúdo deste sentimento. Sob o domínio da paixão, a alma se sente antes dominada, passiva diante da força da paixão. Se é boa, ela vai gerar alegria, porque esta dá coragem e ajuda a ir além. Mas, se for má, seu primeiro efeito é a tristeza. O Filósofo Spinoza já afirmava: *“As más paixões nos separam das outras pessoas, não criam laços de amizade, não geram nem a amizade nem a felicidade, pelo contrário, nos dobram sobre nós mesmos, nos enchem de tristeza, de rivalidade para com o outro e de vergonha para conosco mesmos”*.

SENTIMENTOS OU MÁSPAIXÕES QUE PODEMOS SENTIR

O orgulho, a vaidade

São Vicente fez toda uma conferência onde ele fala destes sentimentos (cf. Conf. p. 440). Reconhecer as qualidades, os dons, o valor pessoal é algo que é bom, isto não tem nada a ver com o orgulho. Este, (bem como seus derivados) coloca a pessoa em um outro plano, numa mobilidade egoísta. O orgulho sempre é “diabólico”, no sentido primeiro e etimológico da palavra. Isto é, ele separa e divide. Aquele que se coloca como o centro do mundo, termina por distanciar-se e rejeitar os outros. É assim que se instala a divisão. O narcisismo é o inimigo da empatia, dos laços de amizade. O orgulho faz ver as coisas não como de fato são, mas antes, em relação a si mesmo. Não é de se estranhar que, quando uma pessoa está cheia de orgulho, ela tem tendência a manipular os que estão ao redor dela... No Evangelho, o orgulho e a humildade estão perfeitamente descritos na parábola do publicano e do fariseu (cf. Lc. 18, 9-14).

A rivalidade, a inveja (cf. Conf. p. 457-466).

Ela endurece o coração porque este sentimento não leva em conta o outro, fixa-se na frustração que o outro provoca. A razão da inveja está na falta de aceitação de suas próprias carências: ao invés de considerar sua indigência como um motivo de boas relações, faz-se uma fixação sobre o problema, o qual gera a tristeza. Por quê o outro tem este dom que eu não tenho e que eu gostaria de ter? E a inveja entra em ação. É o agente secreto que está na base de numerosos acontecimentos. É uma sombra. Por quê a visão do bem do outro não produz a alegria? Porque nadamos no “ego” de tal forma que o olhar não está preparado para perceber o bem e tudo o que gera: a alegria, o esplendor, a participação...

Na narração bíblica de Caim e Abel, encontramos um bom exemplo desta paixão (cf. Gen. 4, 1-16). No Evangelho nós encontramos também, vários exemplos desta triste condição, como por exemplo, na passagem do filho pródigo (cf. Lc. 15, 11-32), ou na parábola dos trabalhadores da décima primeira hora (cf. Mt. 20, 1-16). As palavras de Jesus neste último exemplo estão bem claras: *“Porventura vês com maus olhos que eu seja bom?”*.

JESUS NOS LIBERTA DOS MAUS SENTIMENTOS

Se analisamos os maus sentimentos, logo perceberemos que todos têm como denominador comum o egoísmo, o egocentrismo, isto é, a tendência excessiva em centrar-se em si mesmo. As paixões negativas tiranizam e destroem a pessoa, as boas paixões a fortalecem e, ao mesmo tempo, dão-lhe uma grande liberdade, porque seu centro não é mais ela mesma, é Deus. Mas, *“quem me livrará destas correntes tão pesadas?”* pergunta-se Paulo quando estava na prisão: Jesus e seu Evangelho. À medida que assumimos os valores evangélicos, os maus sentimentos se retiram e somos libertados. Assim se faz a evangelização do coração que é tão importante quanto a evangelização do espírito. Nunca devemos pensar

que não precisamos fazê-la. Quando interiorizamos na oração pessoal, um valor, uma passagem evangélica ou uma virtude vicentina (por exemplo, a caridade), então, aparecem novas maneiras de ver as coisas de forma que a pessoa muda: os outros para ela são não mais rivais, mas irmãos; as situações não são mais fonte de dificuldades insuperáveis, mas de oportunidades para descobrir a vontade de Deus... É a mesma coisa quando nos impregnamos (na oração) do rosto de Cristo: o que acontece? O centro de si mesmo não é mais o ego, mas Deus e seu Reino.

Como podemos reconhecer uma pessoa que nasce “de novo” em contato com Evangelho, de acordo com as palavras do próprio Jesus? (cf. Jo. 3, 3). Algumas qualidades se manifestam nela:

O respeito por todos

A pessoa respeitosa sabe, ou antes, ela percebe que todo ser humano é a imagem de Deus, “templo do Espírito Santo”. Ela compreende que cada pessoa é uma realidade tão sagrada quanto o próprio Deus, um mistério inefável, insondável, completamente diferente dos outros e imensurável, que é único. Segundo São Vicente, o respeito é uma virtude cristã que consiste em sentir veneração e estima por todos (cf. Conf. p. 770-779). O respeito nos faz ver no outro seus valores, seus méritos e suas qualidades, ele nos faz reconhecer seus serviços, respeitar suas opiniões e acolhê-lo bem. “*Nós queremos receber cada Irmã como um dom de Deus*”, dizia o documento da Assembléia geral de 1991, *Junto ao poço de Jacó*, p. 12.

Uma profunda humildade

O humilde reconhece os valores e as qualidades que possui, mas também, os aspectos mais negativos de sua pessoa. Segundo Santa Tereza, a humildade é a verdade. Mas, a pessoa humilde sabe que, o que ela tem, foi Deus quem lhe deu, bem como a vida e o ser. Para ela, não é motivo de se gloriar, mas de estar cheia de reconhecimento para com Ele. A pessoa humilde é grata a Deus e àqueles que estão com ela. Ela percebe que, de fato, sozinha, ela não pode fazer nada, nem mesmo dizer “*Jesus é Senhor*”, sem a graça do Espírito Santo (cf. 1Cor. 12, 3). Não somente recebemos tudo de Deus, mas nós continuamos dependendo d’Ele em tudo.

Uma alegria permanente

Por quê a alegria interior é uma característica da pessoa que vive o Evangelho? Porque a pessoa que está em contato com o autor da vida recebe energia e alegria. Podemos ver isto em muitas passagens bíblicas. Eu posso citar algumas: Lc 1, 46-55; Lc 15, 11-32; Lc 19, 1-10...

Alegria é um dos sentimentos mais característicos da Sagrada Escritura. Nós podemos citar a recomendação de São Paulo: “*Permanecei sempre na alegria*” (1Tes. 5,16). Ao final de sua vida, enquanto estava na prisão, ele escreve como se quisesse nos deixar seu testamento sobre o que lhe é mais caro, diz: “*Alegrai-vos sempre no Senhor. Repito: alegrai-vos!... O Senhor está próximo. Não vos inquieteis com nada!... E a paz de Deus, que excede toda a inteligência, haverá de guardar vossos corações e vossos pensamentos, em Cristo Jesus*”. (Fil. 4, 4-7).

PARA A ORAÇÃO PESSOAL

* Meditação bíblica: Mt 7, 1-23 e/ou 1Cor 13, 1-13,

* Leitura meditativa da conferência de São Vicente sobre o *orgulho escondido* (15 de março de 1654, p. 440-446)

Padre Javier ÁLVAREZ
Diretor geral

ENCONTRO DAS VISITADORAS

Paris, 8-28 de maio de 2006

Resposta das Filhas da Caridade
às catástrofes naturais

INTRODUÇÃO

No ano passado, algumas Províncias das Filhas da Caridade foram fortemente atingidas por catástrofes naturais: o tsunami na Ásia do Sul, o furacão Katrina na Louisiana (E.U.A.), o furacão Stan na América Central, devastando particularmente a Guatemala e El Salvador e, pouco tempo depois, uma tempestade tropical causou danos em Honduras.

Cada uma das Visitadoras das Províncias atingidas colocou o dedo na imensa angústia dos pobres que de um dia para o outro perderam tudo: famílias, amigos, casas, trabalho... e, ao mesmo tempo, lembraram-nos os inúmeros serviços de emergência assegurados por nossas Irmãs em colaboração com as Associações humanitárias e parcerias locais, tendo como objetivo estar o mais próximo possível a serviço da população sofrida a fim de responder suas necessidades. A urgência consiste em salvar as pessoas, assegurar o alimento e barracas para abrigá-las. As três Visitadoras agradeceram pela grande corrente de solidariedade internacional que a Companhia testemunhou através da oração e partilha.

ENCONTRO DAS VISITADORAS

Províncias da Índia do Sul, da Indonésia e da Tailândia

O Tsunami

Uma tragédia que abalou o mundo

No dia 26 de dezembro de 2004, um forte terremoto na costa ocidental do norte de Sumatra na Indonésia, provocou ondas de 40 metros de altura que atingiram os países da Ásia onde as Irmãs vivem e trabalham: Índia do Sul, Indonésia e Tailândia.

Dor e sofrimento, porção dos sobreviventes

O tsunami traumatizou profundamente milhares de vítimas que num instante perderam: família, propriedade, emprego, documentos, segurança, tranquilidade de espírito... No meio desta tragédia foi preciso aprender a encontrar bastante coragem para recomeçar tudo.

O compromisso das Irmãs

A Província da Índia do Sul decidiu socorrer todos aqueles que vivem nas zonas costeiras e, sobretudo, nas Vilas mais atingidas. As Irmãs concentraram seus esforços para ajudar os pescadores pobres e sem instrução, a fim de que pudessem retomar rapidamente o curso de uma vida normal.

A Província da Indonésia escolheu socorrer seis vilas de uma região pobre onde vivem numerosas famílias de leprosos.

A Província da Tailândia optou por ajudar os migrantes Birmanes que foram pouco socorridos. As Irmãs acompanharam também as Vilas nas quais vivem os budistas Thais, muçulmanos e ciganos Mokenses. Estas Vilas, mais distantes das zonas turísticas e mais atingidas, não foram consideradas pelos socorros internacionais.

Colaboração com outros, além das fronteiras

As Irmãs engajam-se primeiro nos serviços de ajuda de emergência. Em seguida, as três Províncias enviaram Irmãs para começar as ações de longa duração com as Associações locais e executar projetos de reabilitação em favor dos mais pobres: educação, reconstrução de pequenas casas.

As Irmãs indianas colaboram com o conselho paroquial para apoiar aproximadamente trinta grupos, reunindo cada três famílias de pescadores. Cada grupo recebe um barco a motor e um equipamento de pesca para permitir-lhes prover suas necessidades básicas. Em seguida, eles são ajudados para reconstruir as casas que substituirão os alojamentos de emergência instalados após a tragédia.

Depois de um ano destes serviços pontuais, as Irmãs indonesianas decidiram permanecer nas Vilas onde vivem os leprosos colaborando com outros institutos religiosos e leigos voluntários, cristãos ou não, a fim de abrir uma pequena clínica e responder às necessidades mais urgentes. Juntos, eles elaboraram um projeto de construção de casas para os camponeses leprosos que perderam tudo. Um dos colaboradores das Irmãs confia-lhe: *“Para mim, é uma bênção trabalhar com vocês. Eu aprendi a colaborar e, sobretudo, a respeitar e a compreender outra cultura além da minha”*.

As Irmãs tailandesas trabalham em parceria com as ONGs e os Centros Sociais. Como membros das equipes humanitárias, algumas podem planejar a ajuda econômica destinada às vítimas do tsunami. Em colaboração com uma ONG Birmane, outras organizam socorro às famílias das vítimas Birmanes. Outras ainda trabalham com os budistas Thais, os muçulmanos e os ciganos Mokenses não considerados pelas ONGs. Materiais de construção são entregues aos camponeses para que eles ajudem um ao outro a reconstruir suas casas. Um dia, um dos budistas disse às Irmãs: *“A presença de vocês significa muito para nós. Vocês nos apoiaram e nos devolveram a coragem. Agora, nós temos uma casa e podemos sair desta situação. Mas, continuem vindo nos visitar”*.

Aqui estão alguns testemunhos das Irmãs que trabalharam na área depois da tragédia :

“Acompanhando estas populações sofridas, fiquei impressionada por seu profundo espírito de fé e coragem. Para mim, foi um convite a uma maior humildade, disponibilidade e mobilidade”.

“Colaborar com outros para socorrer os mais pobres é uma bela experiência e uma prova de que o nosso carisma está bem vivo”.

“Minha presença junto às vítimas Birmanes fez crescer a minha compaixão pelos migrantes. Descobrir os valores da solidariedade no coração dos cristãos de outras religiões é uma experiência de fé muito profunda”.

Além da tragédia, o tsunami inspirou um imenso movimento de compaixão e de solidariedade pelo mundo, fazendo brotar o melhor do coração de milhares de pessoas, de toda raça e de toda religião.

Irmã Josefina ESTREMERÁ,
Irmã KIDENGEAN ROSA, Irmã Anna SOEPRAPTIWI
Visitadoras das Províncias da Tailândia, da Índia do Sul e da Indonésia

ENCONTRO DAS VISITADORAS

Província de São Luís (E.U.A.)

O furacão Katrina
29 de agosto de 2005

Alguns dias antes da catástrofe de 29 de agosto de 2005, a população americana foi alertada da ameaça de um furacão em Louisiana, um dos Estados da Província de São Luís. No dia 29 de agosto de 2005, o furacão Katrina atinge em cheio o sul de Louisiana e continua seu percurso rumo ao Mississipi, um dos Estados da Província de Evansville. Katrina devastou numerosas cidades destes dois Estados. Louisiana é um Estado do sul dos Estados Unidos, limitado no oeste pelo Texas, ao norte pelo Arkansas, a Leste pelo Mississipi e ao sul pelo golfo do México. A capital do Estado é Baton Rouge. Katrina é um dos furacões mais poderosos que já atingiu os Estados Unidos, ele inunda Louisiana na desolação, obrigando a totalidade dos habitantes de Nova Orleães a deixar a cidade.

Eu destaco particularmente a situação de Nova Orleães. Desde 1830, as Filhas da Caridade estão nesta metrópole para o serviço dos pobres e trabalham no campo da educação, pastoral paroquial, saúde, serviços sociais... logo, elas conhecem gerações dos habitantes de Nova Orleães. Hoje, 38 Irmãs ainda vivem lá. Antes do furacão, a população de Nova Orleães contava com 500.000 habitantes da qual 67% de origem afro-americana. Muitos dentre eles vivem abaixo da linha da pobreza.

No dia 28 de agosto, a agência meteorológica previu a destruição parcial ou total das habitações e os grandes danos que tornariam a cidade inabitável por várias semanas. O prefeito ordena a evacuação da cidade. As Irmãs partem ao mesmo tempo que muitas pessoas. Mas, aproximadamente 100.000 pobres se encontram bloqueados, sem meios de transporte. Então, milhares se refugiam na sala de esporte do Super Dome à espera do apaziguamento. Mas as águas ainda sobem no setor e os refugiados devem ser evacuados em extrema emergência. Naquele dia, o mundo inteiro descobriu o rosto dos pobres dos Estados Unidos pelos meios de comunicações. Foram 23.000 hectares devastados, quase 300.000 casas destruídas, 70.000 empresas definitivamente fechadas.

No dia seguinte, as represas de 4 metros de altura cedem e 80% da cidade ficou inundado. Antes desta catástrofe, o Conselho provincial decidiu deixar nossas casas de Dallas, Waco, Austin e Texas para as Irmãs Idosas e levar as mais deficientes para São Luís.

Várias das 52 Irmãs da Província, originárias das regiões atingidas, tiveram membros de suas famílias que perderam tudo: casas e bens. A Província enviou imediatamente fundos aos órgãos caritativos católicos para os socorros de emergência em favor das famílias de nossas Irmãs.

As Irmãs ativas permaneceram em Baton Rouge (a 80km de Nova Orleães) para retornar o mais cedo possível à Nova Orleães. Esperando, elas trabalharam com o socorro de emergência e as obras católicas que cuidavam do alojamento. Outras ensinavam nas escolas cujo número de alunos dobrou. 15 dias depois, quando eu voltei para visitá-las em Baton Rouge, fiquei emocionada diante da dedicação e criatividade destas Irmãs para responder às múltiplas necessidades das pessoas.

Como milhares de outras, nossas casas de Nova Orleães ficaram recobertas de 4 a 9 metros de água barrenta. Tudo ficou mofado. 4 delas ficaram irrecuperáveis, duas completamente destruídas por árvores caídas de uma altura de 12 metros. As sobras flutuavam na água, tudo se assemelha a uma construção. Dos 22 carros, 17 ficaram irrecuperáveis. Os dois pisos de uma das casas de nossas Irmãs idosas ficaram completamente inundados. 35 Igrejas e 26 Escolas foram fechadas.

O centro médico Nossa Senhora da Sabedoria que não foi inundado, foi ocupado pelos bombeiros. Irmã Marie-Jean que trabalhava lá une-se aos bombeiros para fazer visitas e tentar reestruturar o atendimento aos doentes.

Como um bom pastor, o Arcebispo visitava com os voluntários os habitantes. Ele decidiu com os serviços de sua Igreja destinar uma importante soma todos os meses para a distribuição de ajuda de emergência e de alimentos.

Irmã Juanita, diretora da Escola Santo Estefano decide reabri-la (esta foi ocupada pela guarda nacional de Porto Rico para prevenir das invasões). As pessoas não podiam mais pagar as despesas de educação, Irmã Juanita preveniu os professores que ela não poderia pagar o total dos seus salários. Apesar destas dificuldades, a escola abriu no fim de outubro com aproximadamente cem alunos e rapidamente contou com 300 matrículas suplementares.

O dispensário estando muito estragado, foi num prédio fora da cidade que o serviço de saúde pública pode ser restabelecido. Assim, pudemos distribuir os dons recebidos, para as escolas, os dispensários e os serviços sociais onde as Irmãs trabalham. As pessoas sempre sofrem, mas elas tentam superar. Um milhão de pessoas ficaram desabrigadas. Eles acamparam nas cantinas escolares, nos corredores das Igrejas ou debaixo de barracas. O país inteiro se mobilizou para prestar socorro e alguns voluntários vieram de todos os Estados para ajudar as vítimas.

Somente uma de nossas casas de Nova Orleães foi mais ou menos poupada. Logo que foi possível, 28 Irmãs retornaram, outras foram instaladas em apartamentos alugados ou até mesmo no sótão de um mosteiro das Clarissas para ajudar as pessoas a fazer pedidos à Assistência federal. Milhares de pessoas tentam superar sua miséria. Todos, ricos ou pobres, precisam de alimentos e de abrigo. Apesar de sua profunda angústia, as pessoas esforçam-se para se reconfortarem mutuamente.

Em Arkansas, uma Irmã está a serviço de mais de 50.000 desabrigados. No Texas, outra Irmã assegura um serviço semelhante. Depois de uma tal tragédia, o retorno ao normal será longo. Serão necessários muitos anos para restaurar os 200 milhões de dólares. Agradecemos a Província e a Companhia inteira por seu apoio e orações.

Irmã Marie-Theresa SEDGWICK
Visitadora da Província de São Luís

ENCONTRO DAS VISITADORAS

Província da América Central

O furacão Stan
3-5 de outubro de 2005

Depois da passagem do furacão Katrina nos Estados Unidos, o furacão Stan atinge o sudeste do México e a América Central, formada pelos países da Guatemala, El Salvador, Honduras, Nicarágua, Costa Rica e Panamá. Estas terras estão sujeitas a diversas catástrofes naturais como os terremotos, as erupções vulcânicas, as depressões atmosféricas ou tempestades tropicais. A Casa Provincial da Província da América Central encontra-se na Guatemala, país de 12 milhões de habitantes do qual 40% são de nativos, pobres de tudo.

A Guatemala foi o país mais atingido. No início de outubro de 2005, o furacão Stan devastou as costas guatemaltecas, causando sérias inundações e fluxos de lama. As conseqüências foram desastrosas: um terço do país foi devastado: mais de 1.500 mortes, 1.000 desaparecidos soterrados nos fluxos de lama de 5 a 11 metros, 10.000 casas destruídas pelos deslizamentos de terras, milhares de quilômetros de estradas totalmente destruídas, aproximadamente trinta pontes inutilizadas. Os rios transbordaram e inundaram casas e plantações. Algumas Vilas ficaram sem comunicação com o resto do país. Contou-se mais 3 milhões de pessoas desabrigadas.

A capital não pode mais se comunicar com as Vilas dos altos platôs e da costa sul, notadamente com o porto São José onde trabalham as Filhas da Caridade. Como em qualquer tragédia, os mais atingidos foram os pobres. A região sul, gravemente atingida, fica difícil o acesso. O problema mais urgente é que não há comida, nem água potável. É necessário muito esforço para chegar a estas zonas sinistradas e enviar alimentos e medicamentos aos sobreviventes.

As Irmãs da Casa Provincial preparam diariamente refeições que são enviadas ao Porto São José com cobertores, roupas, medicamentos... para as famílias atingidas que perderam tudo. Todas as empresas organizam coletas que são enviadas à Cruz Vermelha, à Cáritas, ao Arcebispo da Guatemala e permitem enviar a ajuda ao sul do país.

El Salvador também sofreu muito. O sudeste do país ficou completamente inundado. 70.000 Pessoas tiveram que ser evacuadas. As estradas caíram, notadamente a de Tepecoyo onde se encontra uma de nossas Comunidades. Numerosas patrulhas de salvamento e de voluntários foram mobilizadas pelo governo. Graças aos numerosos donativos de benfeitores, dentre os quais a Ordem de Malta e à mobilização da população salvadorenha, as Irmãs ajudam os mais pobres e lhes fornecem alimentos, materiais (colchões, roupas...).

Em Honduras, as tempestades tropicais Gama e Beta também provocaram fortes chuvas, obrigando 1.800 pessoas a evacuarem. Lá também, inundações e deslizamentos de terras provocam o pânico de uma população já traumatizada pelos terremotos de 2001. Deixando dezenas de Vilas do sul e do oeste completamente separadas do resto do país. O governo mobiliza a população inteira para levar comida às zonas mais atingidas.

Depois da passagem deste furacão e dos socorros de urgência, a situação das vítimas do desastre nos lançam novos desafios:

- Não decepcionar os pobres que continuam esperando contra toda esperança na Providência de Deus
- Como chegar aos mais desfavorecidos, àqueles que receberam menos atenção pelo governo?

São Vicente não nos falava: *“Vós tendes uma vocação que vos obriga a assistir todos os tipos de pessoas indiferentemente, homens, mulheres, crianças e geralmente todos os pobres que precisam de vós?”*.

Hoje, as Irmãs continuam visitando as viúvas, os órfãos, as famílias desabrigadas que se refugiaram na casa de parentes ou de amigos. Elas os encorajam, dia após dia, para devolver a coragem e a força para recomeçarem a viver.

Por um olhar de fé vêem Cristo nos pobres e os pobres em Cristo. Elas o servem em seus membros sofredores “com compaixão, doçura, cordialidade, respeito e devoção”. (C. 10b)

As Irmãs trabalham com outras pessoas em leal colaboração, num espírito de partilha, colocando em prática os valores que a Companhia procura viver. (E. 9)

Apesar do horror deste grande desastre natural, nós agradecemos ao Senhor por estarmos presentes no meio da população e de servir os mais abandonados. Agradecemos a Companhia inteira pela solidariedade e o apoio espiritual, moral e financeiro de todas as Províncias. É juntas que realizamos o versículo 36 do capítulo 25 do Evangelho de São Mateus: *“Vinde, benditos de meu Pai, porque eu estava nu e me vestistes, estava com fome e me destes de comer”*. Em nome dos pobres da Província da América, agradecemos-lhes.

Irmã Rosa Elvira GOMEZ
Visitadora da Província da América Central

DESAFIOS ATUAIS

Por uma nova ordem humanitária:
O movimento transnacional das pessoas

Notas tomadas durante sua conferência

MarK R. Von Sternberg é Advogado chefe/ Mestre advogado do Serviço Comunitário das Cáritas Católicas da Arquidiocese de Nova Iorque, onde concentrou-se em litígios diante dos tribunais da imigração e recursos em atendimentos frente ao Escritório da imigração. Desde Janeiro de 1999, Von Sternberg também ocupou o posto de assistente da faculdade de Direito da Universidade ‘Pace’ onde ensina a Lei geral de imigração e a Lei relativa aos refugiados. Desde agosto de 2000, Von Sternberg ocupou igualmente o posto de

Assistente da Faculdade na Escola de Direito São João onde participou na animação de um Seminário sobre Direitos em matéria de imigração. Von Sternberg recebeu um Doutorado em Direito da Faculdade de Direito da Universidade Vanderbilt, em 1973 e um L.L.M (em Estudos de Direito Internacional) da Faculdade de Direito da Universidade de Nova Iorque, em 1984. Von Sternberg ensina nas escolas de Direito e Associações profissionais no que se refere aos assuntos de imigração e já escreveu muito, em especial no domínio da Lei relativa ao Estatuto do Refugiado e Direitos Humanos. Von Sternberg é o autor de um Tratado que foi publicado recentemente referente à definição do refugiado tal como é aplicada nos Estados Unidos e no Canadá. Em 2002, recebeu um Prêmio da Associação dos Advogados Americanos especializados em imigrações.

INTRODUÇÃO

Esta exposição quer destacar as restrições políticas e legais que atingem o movimento transnacional das pessoas. Alguns aspectos da **Lei de proteção internacional** serão postos em paralelo com a **Lei relacionada ao Estatuto dos refugiados** tal como consta na *Convenção relativa ao Estatuto dos refugiados de 1951 e o Protocolo relativo ao Estatuto dos refugiados de 1967*. (A *Convenção relativa ao Estatuto dos refugiados* foi assinada em Genebra no dia 28 de julho de 1951 no fim da Segunda Guerra Mundial. As Nações Unidas decidem permitir aos refugiados obter um Estatuto, um reconhecimento, uma proteção internacional. A *Convenção relativa ao Estatuto dos refugiados*, frequentemente denominada “*Convenção de Genebra*”, define as modalidades segundo as quais um Estado deve conceder o Estatuto de refugiado às pessoas que fazem o pedido do Estatuto, bem como os direitos e deveres destas pessoas. Foi em 1946, em Genebra, que a Organização internacional para os refugiados fora criada, antigo Alto Comissariado para os refugiados fundado em 1951. É preciso não confundir a *Convenção relativa ao Estatuto dos refugiados (1951)* com as *Convenções de Genebra (1949)* que classificam os direitos e deveres dos combatentes e civis em tempo de guerra). A *Convenção de 1951* constitui ainda hoje a codificação mais completa do Direito dos refugiados. Porém, esta Convenção só se aplicava aos refugiados de antes de 1º de janeiro de 1951. Graças ao **Protocolo relativo ao Estatuto dos refugiados**, assinado em **1967**, esta limitação não existe mais e a *Convenção de Genebra de 1951* se aplica também aos refugiados contemporâneos.

AS RESTRIÇÕES POLÍTICAS E LEGAIS À IMIGRAÇÃO

Alguns Estados impõem limites à imigração transnacional. Em primeiro lugar, trata-se de distinguir as pessoas que emigram por razões voluntárias ou involuntárias. A política internacional focaliza-se mais sobre a migração forçada, não voluntária. Os Estados têm um grande poder sobre o fenómeno da imigração.

1. A migração voluntária

A *Lei de Proteção internacional* oferece pouco apoio às pessoas que emigram voluntariamente. A política dos Estados para admitir de um modo permanente os migrantes é muito variável. No mercado internacional do trabalho, algumas políticas favorecem a imigração das pessoas competentes em detrimento das que não têm qualificação.

2. O poder dos Estados para controlar a imigração e as preocupações oriundas da globalização

Em matéria de imigração, os Estados não estão sujeitos aos mesmos limites que se aplicam aos direitos dos cidadãos. Eles têm um poder quase ilimitado para controlar os fluxos migratórios. O fenómeno atual da globalização favorece a livre circulação das pessoas e dos bens além das fronteiras. Por via de consequência, isto parece enfraquecer a importância das

fronteiras nacionais e dos Estados. Uma tal evolução provoca o desejo de se proteger. É por isso que alguns Estados impõem grandes restrições ao movimento transnacional de pessoas além das fronteiras.

A globalização também aumenta o recurso da rede de barqueiros para o transporte dos migrantes. Esta prática, atualmente muito difundida, destaca muitas questões relacionadas aos Direitos humanos, inclusive o das condições desumanas nas quais as pessoas são frequentemente transportadas.

3. Os “plenos” poderes na prática: dos estrangeiros não admissíveis e expulsos

As razões pelas quais um Estado considera os não-cidadãos como pessoas que não preenchem as condições para serem admitidas no país ou sujeitas a serem expulsas, são variáveis. Os Estados se apóiam em considerações de *ordem pública*, inclusive o terrorismo ou outras preocupações de segurança interior, ou ainda a entrada no território para ser contratado sem ter adquirido a permissão satisfatória. A escolha das razões para admitir ou não uma pessoa, ou até mesmo expulsá-lo, permanece extensivamente à discricção do Estado e o *Direito comum internacional* tem pouca coisa para dizer neste caso.

É necessário distinguir os não-cidadãos que tentam uma permissão para morar num país e aqueles que o Estado tenta expulsar. Geralmente, existe uma maior proteção para os que são expulsos do que para o primeiro caso. Pode acontecer que mesmo as pessoas, que têm o Estatuto de residente permanente, sejam expulsas deixando membros de suas famílias nos países de acolhimento. Enquanto a cidadania não for concedida o risco de expulsão permanece.

AS RESTRIÇÕES AO PODER DO ESTADO SOBRE A IMIGRAÇÃO E A NORMA DA NÃO-EXTRADIÇÃO

Existem limites do direito dos Estados em restringir a imigração, principalmente a Norma internacional da não-extradição.

1) O artigo 33 da Convenção relativa ao Estatuto dos refugiados e o artigo 3 da Convenção contra a tortura

O poder do Estado entra em conflito com a legislação do artigo 33 da *Convenção relativa para o Estatuto dos refugiados* que declaram que um refugiado não pode ser mandado de volta à fronteira de um Estado onde sua vida ou sua liberdade é ameaçada por razões de raça, de religião, de nacionalidade, de pertença a um grupo social ou opinião política. Da mesma maneira, o *Direito comum internacional* e o artigo 3 da *Convenção contra a tortura* proíbem o retorno de qualquer pessoa num Estado onde haja boas razões para acreditar que esta pessoa seria submetida à tortura. Os Estados não devem mandar de volta não-cidadãos em países onde reina a guerra civil. A não-extradição é uma norma obrigatória do *Direito comum internacional*, mas a maneira de interpretá-la varia de acordo com os Estados.

2) O alcance da “não-extradição” e os obstáculos à rejeição na fronteira

A não-extradição é um dos direitos mais estritos do que o *Direito comum internacional* concede àqueles que fogem de seu país por temor de serem perseguidos ou torturados. Mesmo que o *Direito comum internacional* não conceda aos estrangeiros o direito de se instalar e de pedir o asilo, ele limita o poder absoluto dos Estados. Estes não podem mandar

de volta os estrangeiros, sem os ter interrogado sobre as razões que os levaram a fugir e julgar, assim, a credibilidade de seus medos.

3) O retorno imediato e a interdição em mar

Na espera do primeiro interrogatório, os pretendentes de asilo ficam detidos. Durante sua primeira audiência, se os argumentos são julgados sem fundamento ou errôneos, os estrangeiros podem ser, então, imediatamente mandados de volta aos seus países de embarque. Se os critérios de credibilidade são reconhecidos, os estrangeiros ficam num centro de detenção até que seu pedido de asilo seja ouvido. Este fenômeno se reforçou com o clima atual de terrorismo.

Outra dificuldade se refere aos pretendentes de asilo que chegam com documentos falsos. Isto justifica uma penalidade no sentido do artigo 31 da *Convenção relativa ao Estatuto dos refugiados*.

Surgiram também outros problemas diante da afluência massiva de pretendentes de asilo que chegam pelo mar. Alguns se viram repatriados à força em seu país de origem. Uma nova lei exige conhecer as condições nas quais os pedidos de Estatuto de refugiados são realizados.

4) A partilha do fardo e os Acordos sobre os “países terceiros seguros”

Como os Estados podem partilhar o peso do acolhimento e da absorção de imigrantes em situações de afluências massivas?

Os *Acordos de Schengen* (1985) entre os governos de alguns Estados europeus e a *Convenção de Dublin* (1990) determinam para o pretendente de asilo fazer seu pedido de Estatuto de refugiado no primeiro Estado da Comunidade europeia com a qual ele entrou em contato. Mas, antes de qualquer decisão, trata-se de assegurar que existe bem um “país de terceiro seguro” que aceita acolhê-lo, o que aumenta a dificuldade das negociações. *Estes Acordos* mostram algumas falhas e destacam novas preocupações. Apesar disto, um sistema comparável estabeleceu-se entre os Estados Unidos e o Canadá.

5) Os limites da proteção internacional

O principal benefício decorrente da *Convenção relativa ao Estatuto dos refugiados* é o direito à não-extradição no país onde reina a perseguição ou a tortura. *O Direito consuetudinário internacional* garante, pois, o direito de pedir o asilo, mas não garante que o mesmo seja concedido. E, embora o Estatuto dos refugiados seja reconhecido, ele não dá direito à cidadania nem ao Estatuto de residente permanente. A consequência é que muitos refugiados no mundo vivem em campos de refugiados, sem “solução duradoura” à sua situação crítica.

A DIMENSÃO HUMANITÁRIA DA NÃO-EXTRADIÇÃO

Este capítulo examina a definição do refugiado no contexto e os limites da *Proteção internacional* inerentes a esta definição. Este capítulo também examina os esforços para preencher as faltas que resultam destes limites.

1) Os limites da definição do refugiado na *Convenção de Genebra relativa ao Estatuto dos refugiados*

A definição do refugiado na *Convenção de Genebra* exige, como condição necessária a qualquer ajuda, notar um perigo sério relativo a um dos cinco domínios da *Convenção*: a *raça*, a religião, a nacionalidade, a aderência para um grupo social particular, a opinião política. São omitidas as ações de perseguições judiciais, as condições de violência generalizadas, as calamidades naturais, um perigo meramente privado ou pessoal.

2) A *Convenção relativa ao Estatuto dos refugiados e as outras formas de Proteção internacional*

Novos modelos de *Proteção internacional* ampliam a noção de refugiado e melhoram a *Convenção de Genebra relativa ao Estatuto dos refugiados* (1951). Assim, a *Convenção da Organização da Unidade Africana* acrescenta na definição do refugiado: “qualquer pessoa que, por causa de uma agressão externa, uma dominação estrangeira ou acontecimentos que perturbam a ordem pública... é forçada a deixar seu lugar de residência habitual para procurar refúgio em outro país do qual ela tem a nacionalidade”. A *Declaração de Cartagena* amplia a definição do refugiado na *Convenção relativa ao Estatuto dos refugiados* levando em conta as ameaças tais como as situações de violência generalizada ou violações massivas dos Direitos humanos. Estes dois novos modelos levam em conta a proteção do grupo.

A Assembléia geral das Nações Unidas ampliou o mandato do Alto Comissariado aos Refugiados das Nações Unidas para incluir novas categorias de pessoas que merecem uma proteção internacional. Este estabeleceu a norma do *Refúgio temporário*, assegurando mais flexibilidade na proteção internacional.

A *Convenção contra a tortura e o Pacto internacional relativo aos direitos civis e políticos* reforçam o caráter obrigatório para os Estados de proteger os direitos humanos mais fundamentais.

3) Os esforços para criar um remédio de “não-extradição” baseado nas violações incontestáveis dos Direitos humanos

Quando uma pessoa, não-cidadã, expressa um medo que não entra na definição dos refugiados, alguns Estados europeus desenvolveram um método de “não-extradição”, permitindo à pessoa permanecer por motivos humanitários.

O Direito aplicado nos Estados Unidos tentou fazer face a “não-extradição” baseado na violação dos Direitos humanos e as Leis da guerra que estão em uso no país de origem.

As novas disposições do *Estatuto de proteção temporário* classificam a norma habitual do *Refúgio temporário*. Porém *este Estatuto* ainda deixa a desejar pois ele não traz o mesmo nível de proteção que é oferecido no âmbito da norma habitual do *Refúgio temporário*.

4) A influência da *Proteção dos Direitos humanos* sobre a evolução da definição dos refugiados

A *Lei relativa ao Estatuto dos refugiados* evolui para o modelo de *Proteção absoluta dos Direitos humanos*. A definição dos refugiados leva em conta uma nova característica: a do grupo social. Todo grupo cuja existência é ameaçada, deve poder pedir uma proteção, mesmo que as autoridades não queiram vir em seu socorro. Reconhece-se que as violações dos

Direitos humanos, acontecendo no país de origem, podem determinar a gravidade do perigo e a necessidade de uma proteção.

Modelos de proteção aparecem até mesmo quando as pessoas não têm o Estatuto de refugiado, especialmente nas novas Diretrizes das Nações Unidas sobre as pessoas deslocadas em seu próprio país.

O IDEAL DA CARIDADE E A NOVA ORDEM HUMANITÁRIA:

A Proteção internacional para os deslocados em consequência de catástrofes naturais ou econômicas.

Um dos limites do *Direito à Proteção internacional* era de poder emigrar depois de um desastre natural ou econômico. Após a catástrofe do tsunami, foi dito que deixar sua casa, depois de uma calamidade natural ou econômica, deve também dar acesso ao direito de proteção internacional.

1) O direito à ajuda humanitária e o ideal da caridade

O direito à ajuda humanitária é reconhecido como um aspecto da *Lei da guerra e das Convenções de Genebra* assinados em 1949. (Historicamente, estas *Convenções de Genebra* (1949) são um desenvolvimento do sumário e primeira Convenção de 1864 o que marcou o nascimento oficial do *Direito internacional humanitário*, à iniciativa de Henry Dunan).

Assumido por Organizações Governamentais e Não Governamentais, *o direito à ajuda humanitária* é definido como uma “nova ordem humanitária internacional”. Levar um socorro no sofrimento é um ato humanitário se este respeita as regras de neutralidade e de imparcialidade do Comitê internacional da Cruz Vermelha; isto reflete uma norma ética proveniente de um ideal de caridade presente nas grandes religiões.

2) A Lei da guerra e o direito à ajuda humanitária

O primeiro objetivo da *Lei da guerra* é de garantir o respeito dos Direitos humanos durante os períodos de hostilidades. *O direito à ajuda humanitária* exige que os Estados observem, durante as hostilidades, os “princípios elementares de humanidade” diante das pessoas não implicadas no conflito. Estas *Convenções de Genebra* (1949) contêm arranjos na maneira de trazer uma ajuda humanitária durante os conflitos internacionais e as guerras civis.

Em 1977, foram assinados dois protocolos adicionais às *Convenções de Genebra* referentes à proteção das vítimas: o primeiro na hora dos conflitos internacionais, o segundo na hora das guerras civis que requerem a passagem dos socorros de emergência quando a sobrevivência da população é ameaçada.

3) A ajuda humanitária e as catástrofes naturais

A Resolução 46/182 da Assembléia geral das Nações Unidas permite aplicar a *ajuda humanitária* às situações de catástrofes naturais e outras situações de emergência. Os Estados devem facilitar o trabalho das Organizações Governamentais e Não Governamentais, colocando à disposição a ajuda humanitária dos Estados vizinhos. O Comitê internacional da Cruz Vermelha é o “guarda do direito internacional humanitário”. Seu Código de conduta reúne as diretrizes a seguir para assegurar os socorros às vítimas de catástrofes. *A ajuda humanitária* é um “princípio humanitário fundamental que todos os cidadãos de todos os

países deveriam desfrutar”. Os membros da Comunidade internacional reconhecem a obrigação de levar uma ajuda humanitária “em todos lugares onde for necessário”. É por isso que aqueles que realizam esta ajuda humanitária devem ter acesso às populações que necessitam da mesma. Um Estado que recusa a autorização para socorrer as pessoas deslocadas comete um abuso de poder.

De acordo com os *Princípios de base referentes ao direito à ajuda humanitária*, os Estados têm obrigação de proteger os direitos para as pessoas deslocadas dentro de um país: direito à alimentação, à água potável, ao vestir, ao alojamento, à ajuda médica, a uma instalação sanitária, à proteção contra tratamentos cruéis, desumanos e degradantes. E já que os Estados têm a obrigação de proteger estes direitos, os serviços competentes das Nações Unidas podem tomar todas as medidas necessárias, inclusive a imposição, no caso de sofrimentos graves de populações. As medidas podem ser adotadas mesmo se a autorização para aumentar a ajuda humanitária for recusada, sem justificação válida. Estes *Princípios de base* constituem um avanço significativo em relação aos modelos de *proteção internacional* precedentes.

4) As implicações das evoluções relativas ao direito à ajuda humanitária na Lei relativa aos refugiados

Que impacto tem este *direito à ajuda humanitária* sobre o Estatuto dos refugiados que fogem do seu País porque a ajuda humanitária não lhes foi proporcionada ou porque o Estado a desviou para outros fins?

Os grupos que fogem depois de uma catástrofe natural devem ser capazes de provar que são refugiados, conforme prevê a *Convenção de Genebra de 1951*. A questão não é de saber se o grupo é o objeto de uma política discriminatória, mas de saber se reconhecemos este grupo que um de seus direitos foi violado. A análise consiste em verificar se os Direitos humanos dos indivíduos ou dos grupos não foram respeitados pelo Estado. A privação dos Direitos humanos pode ser qualificada de “perseguição”, de acordo com a *Convenção*. Neste caso, este é um motivo suficiente para adquirir o Estatuto de refugiados? As instituições internacionais classificam as pessoas deslocadas em seu próprio país entre aquelas que necessitam de uma proteção particular.

Conclusão

Podemos então constatar a evolução e a ampliação do *direito relativo à Proteção internacional* para responder às novas situações. A Lei internacional obriga os Estados a assegurarem uma proteção a qualquer pessoa em perigo.

Porém a *Lei relativa ao Estatuto dos refugiados (Convenção de Genebra de 1951)* inclui lacunas; por exemplo, a questão das pessoas vítimas de catástrofes naturais que se deslocam em seu próprio país ainda não foi resolvida. O que acontecerá quando estas pessoas se deslocarem em massa para uma fronteira internacional? Ser-lhes-ão concedidas a proteção como refugiados? Embora estas pessoas não tenham sido alvo de um “perseguidor”, saberemos reconhecer sua necessidade de proteção internacional, por causa das catástrofes naturais contra as quais elas não puderam exercer nenhum controle?

Dr. Mark R. Von STERNBERG
Advogado do Serviço das Caridades Católicas
da Arquidiocese de Nova Iorque

DESAFIOS ATUAIS

Experiência de Limsry Pin Migrante cambojano

Limsry Pin, permanente da Capelania cambojana, francês de origem cambojana, casado e pai de seis filhos. Chegou na França em julho de 1982, sob o Estatuto de refugiado, ele nos apresenta uma visão de seu percurso: acampamento na Tailândia, encontro com o cristianismo, batismo, até assumir responsabilidades no seio da Igreja na França.

Notas tomadas durante sua conferência

Fuga para um lugar desconhecido

Em janeiro de 1979, o regime dos Khmers vermelhos termina e um outro regime começa: a República Popular da Kampuchéa (RPK) implantado pelo Vietnã. Um certo número de funcionários públicos que haviam sobrevivido aos massacres dos Khmers vermelhos, aceitam trabalhar com este governo. Recusando esta solução, comecei a fabricar e vender álcool à base de açúcar de palma a fim de alimentar minha família.

Início de 1981, a situação é cada vez mais crítica. Os intelectuais que trabalham ou não para o governo e as pessoas que não gostam do regime começam a deixar o país e se refugiam em acampamentos na Tailândia. Eu decido também partir com minha família. Depois de 36 horas de viagem em trem, nós chegamos a Battambang, cidade cambojana perto da fronteira da Tailândia. No caminho perdemos nossa filhinha de 14 meses. Começamos a nos perguntar: a morte de nossa filha não é um sinal do perigo que nos espera? Não é necessário preservar a vida dos outros dois? É necessário continuar o caminho ou entrar no país?

Um mês depois de ter cruzado etapas perigosas, chegamos os quatro, em um campo de refugiados na Tailândia. Lá, formações catequéticas são propostas pelos cristãos e minha esposa participa destas.

Um ano depois, tivemos a oportunidade de ir para a França. No dia 5 de julho de 1982, nós estávamos em Roissy com outros refugiados. Em seguida, de casa em casa, de acolhimento, chegamos em Bourges.

Encontro com o cristianismo

Um dia, no fim do curso de língua francesa, minha esposa perguntou ao professor quais seriam os passos para dar continuidade à sua formação catequética. Uma religiosa da paróquia e uma jovem vieram nos visitar. A pedido delas, eu aceitei ser seu intérprete durante os encontros de catequese. Mas, para mim era muito difícil traduzir as palavras que não existiam em meu idioma como: Deus, Evangelho, Trindade... De vez enquanto, tinha dificuldade em compreender o que a catequista dizia: *Deus, livra-nos do mal, Deus, criador do céu e da terra...* Conversei muito com a catequista para compreender melhor os Evangelhos. Eu comecei a lê-los e a fazer muitas perguntas... Alguns meses mais tarde, recebemos a visita de um antigo missionário no Camboja. Para mim foi uma grande alegria escutar em minha língua as explicações das palavras e das frases do Evangelho!

No outono de 1982, o prazo para residir nesta casa de acolhimento chegava ao fim. Porém, para adquirir um alojamento, eram necessários três recibos de pagamento. E, para alimentar a família, precisava de recursos. Sem trabalho, sem recursos, sem casa... eu me faço mil perguntas: Por que eu vim para cá? O que eu posso fazer? Penso em meu país e em minha família que lá ficou e que me fazem falta. Dois meses depois, um cambojano encontrou um trabalho para mim numa fábrica. Foi um imenso alívio!

Com os cristãos Cambojanos

Em 1983, eu assisti as reuniões com os cristãos Cambojanos. Estas reuniões são organizadas pelo BPAC, (*Escritório do Apostolado de Promoção entre os Cambojanos*), sob a responsabilidade de Dom Yves Ramousse, Vigário Apostólico de Phnom Penh. Com eles, eu começo a experimentar o cristianismo. Solidariedade e gratuidade são as duas palavras que mais me impressionam. Um ano depois, na paróquia São Paulo em Bourges, minha esposa, meus filhos e eu, fomos batizados durante a vigília pascal.

Em seguida, engajo-me como vice-presidente da Associação dos cambojanos do rio Cher. Com outros, ajudo gratuitamente os cambojanos recém chegados na França. Mas, algumas pessoas que asseguram o acolhimento em troca de remuneração, acusam-me de ser um traidor da nação khmère já que eu havia me tornado cristão. Felizmente, a Associação me apoiou.

Em 1987, eu cheguei em Paris e faço parte de um grupo da Igreja do Camboja no distrito 19. Lá, com outros, eu traduzo em khmer os livros de catequese e dos salmos bem como um missal bilingue para os cambojanos dispersos pelo mundo.

Em 1990, com os cristãos cambojanos da Ilha de França, realizamos uma missa seguida de uma refeição, uma vez por mês e nas grandes festas cambojanas. Esta iniciativa continua até hoje.

Capelania dos cambojanos cristãos

O Camboja se abre pouco a pouco e os antigos missionários começam a voltar para lá. Com o acordo da Igreja do Camboja e da França, nós criamos a Capelania nacional dos cambojanos a qual tem dois objetivos:

1 - Favorecer a inserção dos cristãos cambojanos na Igreja local e na sociedade francesa, ajudando-os a conservar suas raízes e os valores de sua identidade.

2 - Ensinar aos mais jovens seu idioma de origem para que possam comunicar-se com os adultos que não dominam o francês.

A Capelania permite aos cristãos cambojanos encontrar referência religiosa conservando sua cultura e seu universo religioso marcado pelo Budismo, e adaptando-se à cultura do país que os acolhe e a das comunidades cristãs locais.

As relações com a Comunidade cristã cambojana

Os cambojanos refugiados na França são numerosos (aproximadamente 70.000) e muitos já obtiveram a nacionalidade francesa. Porém, o número de cristãos não ultrapassa 3.000 e a maioria deles recebeu sua primeira iniciação cristã nos campos da Tailândia. Uma das razões pelas quais os pais budistas desejam o batismo cristão para seus filhos é o desejo

que têm de melhor integrarem-se em seu novo ambiente social, maioria católico. Um provérbio cambojano diz: *“Quando entra-se num rio, segue-se os cursos deste; quando entra-se em um país, segue-se os costumes deste”*.

Os cristãos cambojanos que têm pouco contato com a Comunidade cristã cambojana têm muitas dificuldades para se integrarem na vida de sua paróquia. *“Muitos cristãos cambojanos estão muito isolados, os vínculos com a paróquia são quase inexistentes”* constata Mgr Lesouëf, Núncio Apostólico de Kompong Cham (Camboja). Os novos cristãos cambojanos devem ser então acompanhados pela Comunidade cambojana, não somente em sua fé, mas também em sua cultura, sua religião budista. A conversão não é somente a transformação das convicções, a prática de novos valores morais, mas ela é também uma nova maneira de situar-se em relação aos outros. As relações com os outros cristãos cambojanos são um reconforto: *“Muito isolada, ela fica feliz em encontrar de vez em quando uma amiga cristã khmère”*.

A evangelização dos cambojanos recentemente batizados

No quadro da Pastoral frente aos cristãos e não cristãos que desejam conhecer ou conhecer melhor a religião cristã, nós nos encontramos rapidamente diante uma problemática muito complexa. Trata-se de estabelecer um diálogo, mas o diálogo é difícil porque os interlocutores não falam o mesmo idioma e não se referem a um universo cultural idêntico. Nestas condições, uma mesma palavra pode nos enviar a significações bem diferentes. Uma palavra pode não existir no idioma de outro.

Este é um exemplo que ilustra a necessidade de uma Pastoral destinada aos Khmers: o universo espiritual dos Khmers é impregnado de uma cultura ao mesmo tempo animista, hinduísta e budista theravada. O Khmer não ignora a idéia de seres sobrenaturais e míticos. O Animismo oferece-lhe uma multidão de divindades. O Hinduísmo o coloca em relação com uma mitologia de deuses e deusas que evoluem frequentemente num contexto muito antropomorfo... O budismo theravada não nega Deus, mas não se interessa a Ele: Deus ou os seres divinos são mais inferiores a Buda que, por iluminação, passou para o outro mundo. Face a este universo mental, como abordar a noção do Deus cristão e que palavra escolher para designá-lo?

Na última edição da Bíblia ecumênica, nossa linguagem cristã entra no registro da religião bramânica. Porém, para evitar confusões, é preciso criar palavras novas entre as concepções cristãs e budistas. Também, será que é preciso que os cristãos cambojanos se familiarizem com o novo vocabulário cristão Khmer para que possam testemunhá-lo aos seus compatriotas? Mgr Ramousse dizia: *“Na Igreja, os catecúmenos são um sinal para sua comunidade étnica, embora seja sempre às custas de um escândalo porque são acusados de traidores da nação e da raça. Eles demonstram que um Khmer pode tornar-se cristão sem negar sua cultura. O escândalo se atenua pela devoção que eles podem testemunhar aos seus compatriotas”*.

O problema da língua é inevitável para a perseverança do cristão. Para falar de Deus é necessário discernir o que, na sua cultura, tem um aspecto divino. É um método longo e difícil, mas tem a vantagem de permitir ao catecúmeno refletir em profundidade.

Para acompanhar os catecúmenos de Khmers é necessário conhecer sua mentalidade, sua religião, sua cultura. Caso contrário, não são possíveis as relações entre fé e vida, e a fé se limita a um conhecimento, a uma acumulação de conhecimentos que não compromete a vida.

Relações com a Igreja do Camboja

Como todo o migrante, os Khmers que moram na França pensam sempre em seu país e em suas famílias das quais estão separados há muito tempo. Refugiados na França, eles não têm o direito de retornarem ao seu país. No entanto, esforçam-se para encontrar uma maneira de rever suas famílias e seus amigos. Quando retornam a seu país, eles ajudam na construção de Escolas e de Templos... Aqueles que são cristãos vão à Igreja, entram em contato com os Padres que conheceram na França... Desde 1993, a Igreja se desenvolveu e se “khmerizou” ao nível da língua e da liturgia: *“Quando eu voltei ao Camboja, assisti à Missa e fiquei um pouco desorientado, até mesmo o Pai-Nosso, eu não podia rezar sem ajuda de alguém, não era o mesmo que eu conhecia”*.

A inculturação

Monsenhor E. Destombes, vigário apostólico a Phnom Penh, de volta do Sínodo das Igrejas da Ásia realizado em Roma em 1998, expressa-se no Boletim da Capelania: *“Três palavras resumem o conteúdo deste Sínodo: a inculturação, o diálogo inter-religioso e o lugar da Igreja na sociedade”*. Com relação a inculturação, ele acrescenta: *“A Igreja esforça-se para adaptar-se à cultura khmère... Mas para fazer com que a Igreja do Camboja tenha um rosto khmer, cabe aos cristãos khmers se pronunciarem sobre o assunto”*.

Assim, por exemplo, durante o Sínodo da Igreja em 1999, 120 católicos cambojanos compartilharam suas reflexões sobre o tema da inculturação, especialmente sobre o Dia de finados. Alguns disseram que eles celebravam o dia de finados, em 2 de novembro. Outros faziam como seus amigos e vizinhos budistas durante os 15 dias tradicionais. Depois de um aprofundamento do Evangelho das Bodas de Cana onde é dito que Jesus muda milagrosamente a água em vinho, mostrando aos discípulos que Ele não muda nada dos costumes locais, mas adapta seu ensinamento a estes, algumas partilhas em pequenos grupos permitiram destacar a relação entre a festa cambojana do *Pchum Ben* e o dia de finados para a Igreja Católica. Cada ano, do 1º ao 15º dia da lua decrescente do mês de photrabet (19 de setembro a 3 de outubro, deste ano) os Khmers têm o costume de celebrar o *Pchum Ben*. Todos participam desta celebração por respeito aos seus avós e seus pais. Os católicos, por sua vez, são gratos aos seus avós e a seus pais quer estejam vivos ou falecidos. A comemoração dos mortos é a ocasião de manifestarem sua fé em Jesus Cristo Ressuscitado. Rezando pelos falecidos, pedem-lhes que intercedam junto de Jesus Cristo em seu favor.

“Os budistas cambojanos acreditam que seus antepassados, parentes, avós...que pecaram e desceram aos infernos, voltam à terra nos dias do Pchum Ben para receber comida da parte dos seus filhos por intermédio dos bonzes (monges budistas). Os católicos Cambojanos não acreditam que um morto possa receber e comer comida, mas eles celebram seu próprio “Pchum Ben” com os costumes e a cultura do Camboja. Nós trazemos comida à Igreja para celebrar o amor incondicional de Deus e o perdão de todos na grande família de Deus. Os católicos cambojanos podem celebrar todos os anos o Pchum Ben como os budistas fazem, mas devem entender que o sentido mudou”.

A colaboração dos cristãos cambojanos da França para traduzir obras católicas em Khmer

O Padre Bruno Cosme, francês e responsável espiritual pelo grande Seminário do Camboja, enviou uma carta em 1999 para a Comunidade dos cristãos Khmers na França: *“Procuro uma ou várias pessoas que sejam ao mesmo tempo, khmers, católicos, saibam falar o francês para me ajudarem a traduzir textos da Igreja, da vida dos santos, das meditações,*

dos artigos do Catecismo da Igreja Católica ou do Concílio... para os seminaristas e a Comunidade cristã. Isto permitiria a cada seminarista ter um documento em khmer. Além da Bíblia, não existe nenhum outro documento em khmer”.

Depois deste pedido, uma dezena de cristãos Khmers decidiram dar sua ajuda à Igreja do Camboja para assegurar estas traduções. Nós criamos duas comissões para as traduções e a releitura, pois *“este tipo de serviço não pode ser fruto de um trabalho individual; traduzir é uma arte!”* As traduções devem respeitar a civilização e a cultura do país interessado. A visão das coisas é diferente de uma civilização a outra, sobretudo, em matéria de religião.

Este trabalho de tradução não é somente destinado a levar uma ajuda à Igreja do Camboja. Ele permite aos tradutores e aos revisores de expressar sua fé com exatidão de acordo com a cultura khmère. Os cambojanos batizados na França conhecem as dificuldades habituais dos migrantes para se integrarem na vida paroquial. Bem acolhidos durante o tempo do catecumenato, tornados “estrêlas” no dia de seu batismo, eles sempre caem depois num certo anonimato e, logo, vem o problema de sua perseverança.

Diante do desenvolvimento da Igreja no Camboja, este trabalho de tradução é, ao mesmo tempo um dever, mas também, uma oportunidade para alimentar e vivificar nossa fé católica para viver aqui, em França.

A vida das Comunidades cristãs cambojanas

Em Paris, em Marselha, em Lyon, os Khmers cristãos reúnem-se todos os meses para uma Eucaristia seguida de uma refeição.

Um boletim trimestral bilingue permite estabelecer alguns contatos com as várias Comunidades cristãs cambojanas, os católicos Khmers que vivem isolados e de partilhar as notícias de cada um e da Igreja do Camboja.

Desde 1996, um Conselho pastoral Nacional reúne uma vez por ano, os representantes das várias Comunidades para partilhar sobre a situação e diversas questões, aprofundar um tema do ano. Assim, em 1999, nós refletimos no sentido cristão do Jubileu do Ano 2000, com a seguinte constatação: *“Para os asiáticos, o calendário gregoriano não é a referência, a relação com o tempo cíclico, de acordo com a visão tradicional budista é bem diferente do nosso que é linear; uma tal descoberta não é supérflua”.*

Cada verão, a Capelania nacional organiza uma semana de férias para os cambojanos de toda a França, cristãos ou não, crianças, jovens e adultos: descontração, contato com a natureza, encontro inter-gerações, descoberta da França, formação.

Limsry Pin
Permanente da Capelania Cambojana

VISITA DOS SUPERIORES

Mère Evelyne Franc
e Irmã Blanca Líbia Tamayo, Conselheira geral

Visita de três Províncias das Antilhas
Porto Rico – Santo Domingo – Cuba

30 de junho a 8 de julho de 2006

Porto Rico, Cuba e Santo Domingo fazem parte das Antilhas que são um grupo de Ilhas, situadas no Mar caribenho e limitadas ao Sul pela América do Sul, ao Sudoeste pela América Central e ao Noroeste pelos Estados Unidos. O arquipélago forma um arco circular de 3500-km de distância, estendendo-se desde Cuba ao sul da Flórida até a pequena Ilha holandesa de Aruba, ao redor da Venezuela. Distingue-se duas partes :

* As grandes Antilhas, incluindo Cuba, Haiti e a República Dominicana, Porto Rico e Jamaica. Elas representam apenas 9/10 da superfície e da população total das Antilhas.

* As pequenas Antilhas, constituídas de um rosário de pequenas Ilhas de origem vulcânica ou calcária incluindo Porto Rico.

No dia 1º de julho de 2006, Mère Evelyne Franc e Irmã Blanca Líbia Tamayo chegaram a Porto Rico. Depois desta primeira visita, elas tomaram o vôo para Santo Domingo, depois Cuba.

Em cada uma destas Províncias, Notre Mère, encontrou-se com cada Conselho Provincial, em seguida as Irmãs Serventes. Depois de ter escutado suas experiências, suas alegrias e dificuldades, Irmã Evelyne recordou os fundamentos da autoridade, a maneira de exercê-la e os meios que podem ajudá-las em seu serviço. Constantemente, ela fez referência às Constituições e aos fundadores. Citou, entre outros, uma das frases de Mère Guillemin lembrando que a missão das Irmãs Serventes consiste em prioridade unir a Comunidade a Deus. Isto exige da Irmã Servente revestir-se do Espírito do Cristo Servo, a exemplo de Maria Serva.

Durante as reuniões com as Irmãs, Mère Evelyne partilhou características comuns da personalidade e da vida de fé de duas Filhas da Caridade que celebramos, este ano, respectivamente o bicentenário e o centenário: Santa Catarina Labouré e Irmã Suzanne Guillemin. Estas duas Irmãs nos convidam a ser cada vez mais, em nosso mundo ferido, mulheres “especialistas em comunhão”. Notre Mère também nos ajudou a refletir sobre a nossa responsabilidade pessoal para sermos mais coerentes com nossa vocação de servas dos pobres a fim de tornar-nos uma “carta aberta de Deus” para os pobres (cf. II Cor.3, 2). A partir de nossas escolhas diárias, a Província se renovará em fervor e entusiasmo. Após ter enumerado vários desafios a serem enfrentados no mundo de hoje, nos encorajou a dar respostas bem comprometidas. Exorta-nos fortemente a viver o melhor possível nosso espírito específico, a aprofundar as Constituições renovadas, trabalhar na pastoral dos jovens e transmitir às jovens gerações a paixão de servir os pobres e a abrir-nos à dimensão internacional da Companhia.

Em **Porto Rico**, Notre Mère e Irmã Blanca Líbia visitaram o Hospital do Perpétuo Socorro e a Residência Santa Luísa das Irmãs idosas e doentes. Irmã Evelyne diz a elas o quanto suas orações e seus sacrifícios são uma participação ativa à vida da Companhia.

Em **Santo Domingo**, Notre Mère reuniu-se com os jovens em dificuldade do Lar “Renascer”. Uma adolescente de 14 anos testemunha sua experiência: *“Antes de chegar neste lar, eu maltratava minha mãe e constantemente discutia com ela. Aqui, eu tomei consciência*

de meu comportamento e progressivamente aprendi o valor do respeito ao outro. Agora, eu estimo a minha mãe e nossas relações mudaram. O lar me ajudou a ser melhor". Em seguida, Irmã Evelyne visitou a Comunidade "Santa Luísa", casa de acolhimento para os encontros e os retiros espirituais. Em seguida, na casa "Rose", ela encontrou-se com as crianças doentes de AIDS. Dois empregados desta casa partilharam sua felicidade de trabalhar junto às crianças, considerando seu trabalho como um serviço que podem realizar com entusiasmo em colaboração com as Irmãs para serem "*os pais e as mães que lhes faltam*". Finalmente, Notre Mère visitou a primeira casa de Filhas da Caridade implantada na República Dominicana: o lar "Duarte" para crianças pobres e a obra "Margarida Naseau" situada num bairro carente.

Em **Cuba**, Mère Evelyne presidiu com alegria o envio em missão de uma jovem Irmã do Seminário. Em seguida, visitou "A idade de ouro", casa para os deficientes, "o lugar" onde são acolhidos os leprosos. Notre Mère admirou o serviço das Irmãs junto destas pessoas sofredas, abandonadas pelo regime político em vigor.

Antes de retornar com Irmã Blanca Líbia para Paris, Irmã Evelyne agradeceu as três Províncias pelo acolhimento tão sincero. Damos graças a Deus por sua passagem entre nós através da visita de Notre Mère.

Um grupo de Irmãs

VISITA DOS SUPERIORES

Mère Evelyne Franc
e Irmã Julma Neo, Conselheira geral

Visita da Província da Tailândia

22-30 de julho de 2006

No dia 22 de julho de 2006, Mère Evelyne Franc chega com Irmã Julma Neo na Província de Tailândia para visitar os três países que a compõem: Camboja, Laos e Tailândia. As Irmãs acolhem as visitantes e participam da celebração eucarística de abertura. O Conselho provincial se reúne e apresenta à Notre Mère as realidades da Província. Em seguida, Irmã Evelyne foi ao Centro social onde são acolhidos os pais muçulmanos e tailandeses com seus filhos. Com este primeiro encontro, ela entra plenamente no meio pluri-religioso no qual as Irmãs vivem e trabalham no dia-a-dia.

No Camboja

Mère Évelyne, Irmã Julma e a visitadora, Irmã Josefina Estremera são acolhidas em Phnom Penh pelas Irmãs das diferentes comunidades da capital e as de Battambang, região e diocese mais pobres deste país. Depois dos anos de violência do regime comunista, o Camboja ainda luta por seu desenvolvimento. Notre Mère descobre o serviço das Irmãs junto aos mais pobres: pessoas alojadas num abrigo temporário, trabalhadores de fábrica que vivem em alojamentos miseráveis. Depois, ela foi a Takeo onde as Irmãs administram o único hospital do país que cuida das doenças dos olhos. Com a ajuda de médicos estrangeiros, a clínica oferece uma formação para os enfermeiros e os médicos cambojanos. No final do ciclo

de formação, eles são enviados nas aldeias para cuidar das doenças oftálmicas. Brevemente, neste hospital do governo, as Irmãs começarão um programa de nutrição no setor pediátrico.

No Laos

Notre Mère fez a experiência de uma Igreja realmente minoritária. A celebração eucarística na Igreja paroquial de Vientiane no início da manhã, a visita à sua Eminência Kamsee, o encontro com os idosos, os jovens e as mulheres dos quais as Irmãs estão a serviço dão uma idéia geral da vida desta pequena Comunidade cristã que tenta manter seu dinamismo dentro de um país comunista. No Laos, as atividades da Igreja só são autorizadas dentro da Igreja.

Na Tailândia

A visita das duas **Comunidades do sul** oferece uma outra experiência do serviço dos pobres. Em Ronphibun, as Irmãs dirigem uma escola profissional para jovens muçulmanos e budistas. Elas cuidam da reabilitação das pessoas idosas e deficientes do leprosário com a ajuda de um programa baseado em uma vida comunitária. Em Phattalung, as Irmãs dirigem uma escola para crianças e uma casa para pessoas idosas. O acolhimento oferecido pelas crianças e professores alegrou Mère Évelyne e permitiu um diálogo sincero com as Irmãs. Notre Mère insiste na importância do ser em relação ao fazer. Este ponto de alerta ressoou como um desafio: *“O serviço das crianças e dos leprosos deve ser uma alegria que não tem nada a ver com o sucesso, mas deve ser a experiência vivida por um coração simples, humilde e amável e que dura a vida inteira”*.

No dia 27 de julho, Irmã Evelyne parte para o **norte do país** em uma região muito pobre. Em Maesot, situado na fronteira entre a Tailândia e a Birmânia, as Irmãs realizam um trabalho notável com os imigrantes, os refugiados Birmanes e as pessoas que pertencem à tribo dos montanheses (os Karens de Birmânia). Notre Mère encontrou-se com as pessoas intoxicadas pelo cádmio. Ela visitou:

- uma favela onde se encontram as crianças muçulmanas que vivem na rua,
- um centro de saúde para as crianças tailandesas e birmanes,
- um campo de refugiados birmanes e seu hospital construído por uma doutora Birmane. A edificação deste estabelecimento revela os esforços heróicos dos Birmanes para com seus compatriotas, apesar de seus recursos limitados. Os milhares de refugiados ainda vivem nestes acampamentos.

No retorno à Bangkok, elas são acolhidas pelas Irmãs da Província que animam uma celebração de luz em honra da Virgem Maria. Em seguida, Notre Mère e Irmã Julma encontram-se com as Irmãs do país, as Irmãs Serventes, as formadoras e, por último, as Irmãs jovens. Depois, elas visitam o hospício Santa Clara onde trabalha uma Filha da Caridade e onde são cuidadas as pessoas que sofrem da AIDS em fase terminal. O dia termina com uma noite recreativa.

No último dia, a família vicentina da Tailândia reúne-se na Casa provincial para a eucaristia e uma refeição fraterna. Finalmente, último encontro com o Conselho. O ritual tradicional tailandês de envio e desejo de sorte concluem a visita numa nota muito feliz e cheia de esperança.

Irmã Violeta CECÍLIO
Filha da Caridade

VISITA DOS SUPERIORES

Mère Evelyne Franc

Visita aos participantes
dos Estudos vicentinos Interprovinciais
de Salamanca
3-7 de agosto de 2006

Este ano, a Sessão de Estudos vicentinos de Salamanca foi marcada pela visita de Mère Evelyne Franc. Em agosto de 2004, a equipe de coordenação convidou Notre Mère a participar durante alguns dias de uma das Sessões vicentinas. Sua resposta positiva concretizou-se este ano.

No dia 3 de agosto de 2006, Irmã Evelyne, Irmã Rosa Maria Miro, Conselheira geral e a Visitadora da Província de Madrid São Vicente, Irmã Maria del Carmen Zaballos chegam em Salamanca. As 150 Irmãs, participantes da Sessão reuniram-se na grande casa para acolher as visitantes. Isto nos fez pensar na alegria das primeiras Irmãs quando viam chegar Santa Luísa no meio delas, enquanto São Vicente fazia suas conferências. Os Padre Sanz, diretor provincial, Otero, Visitador, Sanchez Mallo, diretor do CEME estavam presentes.

Durante 5 dias, nós aproveitamos da presença e da simplicidade de Mère Evelyne e de Irmã Rosa Maria. Sua maneira de ser evoca a atitude de Jesus que dizia não ter vindo para ser servido, mas para servir.

Visita da cidade de Salamanca

É inconcebível não aproveitar a oportunidade para mostrar a Notre Mère a região de Salamanca, situada no sudoeste da Castilha e de Leon. Entrar na cidade de Salamanca, cheia de monumentos históricos e de sabedoria, é entrar em contato com a cultura e o conhecimento. O provérbio diz bem: “aquele que deseja cultivar-se, vá à Salamanca”. Irmã Maria del Carmen havia programado a visita da cidade no final do dia, quando os raios do sol dão um reflexo dourado às pedras dos monumentos de Villamayor. As visitantes admiram a grande praça, a catedral, a casa das conchas, a Igreja Santo Estevão, a Universidade. Juntas, elas louvam o Senhor pela beleza dos monumentos salamanquinos. Estes tesouros arquitetônicos cantam a glória de Deus e a dignidade do homem.

O passeio pela cidade, o frescor trazido pelo rio Tormès, o contato com a natureza e a arte, as informações dadas por algumas Irmãs de Salamanca dão à Irmã Evelyne uma idéia geral da importância desta bonita cidade na história da Espanha e do mundo. O interesse de Irmã Evelyne é particularmente notado pelo guia que as acompanhava.

Visita da cidade Rodrigo

No Oeste de Salamanca está a magnífica cidade de Rodrigo. No dia 5 de agosto à noite, as Visitantes saem para conhecer esta cidade da Espanha que antes era uma cidade romana Mirobriga. Este ano, acontece na catedral desta diocese das terras salamanquinas, uma exposição sobre “As idades do homem”, nomeada Kyrios 2006. Através destes tesouros da Igreja de Castilha e León, pode-se meditar nos diferentes aspectos da mensagem cristã: os 5 temas deste ano são: “Segundo a Escritura”, “A encarnação, a infância e vida escondida de Jesus”, “o ministério público de Jesus”, “O mistério pascal”, “A escatologia”.

Na Cidade Rodrigo, as Visitantes das Províncias da Espanha e algumas Conselheiras esperam Notre Mère para a visita prevista para o final da tarde. O guia está pronto e o Conselho municipal, atento, espera as visitantes. Todos admiram as obras de arte expostas e captam a riqueza de expressão da mensagem cristã. O Comitê principal da exposição anunciou este evento na imprensa: *“Irmã Evelyne Franc, 4.662º visita de 5 de agosto, 132.141º visita depois da inauguração em junho passado”*. Sua passagem permanecerá registrada nos anais da Igreja de Castilha e de León.

Em seguida, as visitantes dirigem-se para a Comunidade da Cidade Rodrigo para encontrar as Irmãs. Antigamente, havia lá, duas casas: uma a serviço do asilo, hospital dos incuráveis, outra a serviço das escolas e do lar dos jovens “Nossa Senhora da Medalha milagrosa”. Durante mais de 100 anos, as Irmãs testemunharam o amor de Deus aos pobres. Atualmente, as duas Comunidades estão reagrupadas em uma nova implantação a serviço das pessoas idosas da Residência (antigo Asilo) e da pastoral na região rural. Elas trabalham em colaboração com membros da AIC e da AMM.

Na Casa de Estudos Vicentinos

No dia 6 de agosto, neste lugar, Notre Mère fez uma conferência sobre o tema *“A Formação hoje”*. Mais de 300 Irmãs a escutam (150 participantes da Sessão, Irmãs das Províncias de Gijon e de Madrid São Vicente, do Seminário interprovincial, Irmãs missionárias vindas de Ávila, Irmãs da vizinhança).

Com simplicidade, Notre Mère começa sua exposição com a narração evangélica do dia: a Transfiguração, e destaca a expressão de Pedro no Tabor: *“Senhor, como é bom estarmos aqui!”* Expressando-se em espanhol de uma maneira quase perfeita, ela desenvolve os seguintes pontos:

- A importância da formação segundo os Fundadores
- A necessidade da formação contínua conforme as Constituições
- A formação: percurso de toda a vida
- A revitalização de nossa vocação para ir além.

A conferência foi seguida de um debate bem animado sobre o tema: a comunidade local: lugar de formação, os intercâmbios, as revisões comunitárias, os obstáculos à formação. Em seguida, duas Irmãs apresentaram uma montagem audiovisual: *“As Filhas da Caridade na Espanha: de 1790 a 2006”*. A manhã termina com a celebração da Eucaristia.

O programa da tarde propôs uma mesa-redonda sobre as partilhas de experiências:

- missão junto aos migrantes num centro de acolhimento,
- experiência pessoal como doente,
- serviço dos SDFs (sem domicílio fixos)
- trabalho na pastoral com uma atenção particular às famílias de crianças doentes,
- missão com os muçulmanos no Marrocos.

A partilha feita demonstrou a preocupação de várias Irmãs em relação aos migrantes que chegam na Espanha.

Visita de Alba de Tormès

No dia 7 de agosto à noite, depois da conferência de nossa Conselheira geral sobre *“Os dinamismos espirituais e apostólicos da vocação”*, Irmã Evelyne, Irmã Rosa Maria e as três Visitadoras das Províncias de Madrid São Vicente, Gijon e São Sebastião partem em

peregrinação à Alba de Tormès, cidade onde morreu Santa Teresa d'Ávila. Graças à autorização obtida, elas entram no Convento da Anunciação de Nossa Senhora e rezam diante do túmulo onde descansa o corpo de Santa Teresa.

Em seguida, visitam a Igreja de São João, tesouro de arte e de fé, amostra mais importante da arquitetura de estilo romano-mudéjar (fusão de arte romana e mauresque). No interior da Igreja, encontra-se uma obra de arte muito importante que representa os 12 Apóstolos em companhia de Cristo, em pedra de granito, datada de 1200. É uma verdadeira pérola da escultura romana.

Finalmente, o dia termina pela visita à Residência “Nossa Senhora da Medalha milagrosa” e à Comunidade das Irmãs Idosas. Para elas, esta visita foi como uma fonte de água fresca no meio da monotonia da vida diária e um sopro que revitaliza em vista de uma maior fidelidade. Mas, é necessário despojar-se. As Irmãs Idosas agradecem cordialmente Irmã Evelyne assegurando-lhe suas orações: *“Rezaremos sempre por você e caminharemos nas pegadas de fé que nos deixou”*.

No dia 8 de agosto pela manhã, depois da Eucaristia, as Irmãs da Sessão demonstraram também todo seu reconhecimento por ter aceitado o convite. A presença de Notre Mère e sua mensagem encorajaram-nos a continuar com entusiasmo e confiança nosso caminho de seguimento de Cristo. Mère Evelyne toma a estrada de Valladolid onde as Irmãs da cidade e dos arredores a esperam na Residência Labouré para um encontro de reflexão sobre o tema da Formação. O Conselho Provincial, Irmã Juana Elizondo e as Irmãs da Província de São Sebastião a acolhem na alegria. No fim da tarde, Notre Mère e Irmã Rosa Maria voltam à Paris. Mais uma vez, obrigado por estes dias vividos juntas.

Irmã Maria Angeles INFANTE
Filha da Caridade

TESTEMUNHO DAS IRMÃS

Província de Cracóvia

Encontro Interprovincial
das Visitadoras e Formadoras
dos países Eslavos

De 17 a 20 de agosto de 2006, as Visitadoras, as Conselheiras de formação e as Formadoras das três Províncias da Polônia, da Eslováquia, da Eslovênia e da Região da Albânia se reuniram na Casa Provincial de Cracóvia por iniciativa de Irmã Sophie Daniščakova, Conselheira geral para os países eslavos. Este encontro foi acompanhado pelas Irmãs Serventes da Província de Cracóvia no dia 21-22 de agosto. Irmã Marlene Rosa, Conselheira geral para a língua portuguesa foi convidada a partilhar sua experiência de formadora.

O lema do primeiro encontro foi uma recomendação de Santa Luísa de Marillac: *“O que o Senhor vos pede, é uma grande união e uma grande paciência com suas Irmãs, na humildade, na simplicidade e na caridade”*.

Este encontro deu-nos a oportunidade de partilhar nossas experiências de formação com suas alegrias e suas dificuldades. Trata-se de levar em conta a realidade dos jovens de hoje (dificuldades familiares, etc.) As Irmãs destacaram a necessidade de uma formação humana, de uma formação espiritual para desenvolver o espírito de fé e adquirir as convicções que unificam o dom total a Deus, de uma formação apostólica para ter a coragem de testemunhar num mundo secularizado.

Irmã Marlene nos ajudou a refletir sobre os seguintes pontos:

- A situação dos jovens e seu contexto familiar a fim de levá-los em conta nas diferentes etapas de sua formação.
- Nossas próprias reações diante da realidade dos jovens de hoje.
- Os períodos de crises na vida consagrada a serem vividos como apelos de Deus a nos re-centrarmos n'Ele.

Nos dias 21-22 de agosto, Irmã Marlene responde as questões das Irmãs Serventes e insiste sobre os problemas relativos à co-responsabilidade, à subsidiaridade e à comunicação com as Irmãs tais como as Constituições orientam.

Para encerrar estes dois encontros, as Irmãs fizeram uma peregrinação:

- nos passos do papa João Paulo II: ao Santuário da Misericórdia de Deus em Łagiewniki (Cracóvia) e ao Santuário de Nossa Senhora em Kalwaria Zebrzydowska.
- ao campo de concentração de Auschwitz - Birkenau.

Estes dois encontros foram muito ricos, eles permitiram nos conhecer melhor, constatar que a diversidade não é um obstáculo à unidade, mas um meio para reforçar os laços entre nós e admirar a variedade infinita da ação do Senhor no coração das Irmãs.

Finalmente, de 22 a 27 de agosto, Irmã Sofia e Irmã Marlene encontraram-se com as Irmãs Serventes da Província de Chelmino para aprofundar algumas questões mais particulares.

Irmã Anna BRZEK
Correspondente dos Ecos

TESTEMUNHO DAS IRMÃS

Província de Curitiba

4º Encontro interprovincial das Irmãs
que vivem em pequenas implantações nos meios populares

Para o 4º Encontro interprovincial das comunidades inseridas em meios populares, 91 representantes das 6 Províncias do Brasil reuniram-se em Curitiba, na última semana de fevereiro de 2006. A Província de Curitiba se mobiliza para acolher e programar o encontro: partilha de vida sobre as realidades de nossas inserções e reflexão sobre os desafios a serem enfrentados: “como assumir a causa dos pobres e mudar as estruturas de injustiça?”

A Província de Curitiba é um dos lugares onde começou a Companhia no Brasil. Durante uma celebração, levando como símbolo a bolsa azul das Filhas da Caridade e uma vela acesa, nós deixamos ressoar estas palavras de São Vicente: “*Ide minhas filhas, servir os pobres, os mais pobres, por toda parte*”. Dando graças a Deus pelo projeto de amor de Vicente e Luísa e por aquele das Irmãs que suscitaram pequenas implantações nos meios populares, nós Lhe pedimos para prosseguir o caminho com discernimento e olhar rumo ao

futuro, animadas por nosso espírito específico, colaborar com outros membros e ousar fazer as mudanças necessárias a fim de melhorar a vida dos pobres.

Num clima semelhante ao dos Apóstolos reunidos no Cenáculo, nós abordamos os seguintes temas:

- A realidade de nossas implantações e a dos pobres,
- Os desafios de hoje, desenvolvido por um teólogo leigo,
- A identidade da Filha da Caridade inserida em meios populares, pelo Padre Barbosa, Diretor provincial do Rio de Janeiro,
- As Associações que trabalham na inserção social, pelo Padre Groh.

Esta reflexão comum nos centrou em três pontos fundamentais de nossa missão: espiritualidade do serviço, carisma Vicentino, mobilidade indispensável para construir “nossa tenda” na terra dos mais pobres, “*indo e vindo*” como dizia Santa Luísa. A presença entre nós de Irmã Marlene Rosa, Conselheira geral, foi muito apreciada e permitindo-nos tomar consciência que caminhamos juntas para o futuro com a Companhia inteira. Ela releu-nos as orientações dadas por Mère Evelyne Franc em sua carta de 2 de fevereiro de 2006: “*Devemos ser um sinal eloqüente da presença do Reino de Deus para o mundo de hoje... sentinelas que vislumbram e já anunciam a nova vida presente na história*”, permitindo-nos tomar consciência que caminhamos juntas para o futuro com a Companhia inteira. Agradecemos também cordialmente o Padre Grégory Gay, Superior geral e as Visitadoras por suas mensagens de encorajamento recebidas durante o Encontro.

Durante a celebração de envio, cada Província recebeu um “nó” de pinho iluminado por uma vela, símbolo da resistência e da luz ao longo do caminho. (Por causa de sua grande resistência, o “nó” de pinho é usado pelos pobres para acender o fogo no inverno).

O próximo Encontro Interprovincial está previsto para julho de 2008, em Recife, para continuar a reflexão sobre o nosso compromisso junto aos pobres.

Irmã Barbara VALENGA
Correspondente dos Ecos

TESTEMUNHO DAS IRMÃS

Província de Barcelona

Uma aposentadoria ativa!

Em Reus, a Companhia começou em 1792 e, ainda hoje, o carisma vicentino está bem vivo.

Há alguns anos, um padre, o Abade Frédéric, ajudado por uma Filha da Caridade, Irmã Ana Maria Cabia, começou num pequeno local um serviço beneficente para as crianças do bairro. Este local, que servia de cozinha e de refeitório, torna-se progressivamente um centro social. Sua notável organização o faz um centro piloto. Quando a população de Reus viu esta iniciativa social bem organizada, mostrou-se generosa e colaborou espontaneamente.

A obra evoluiu no decorrer do tempo, melhorou sua infra-estrutura e a qualidade de seu serviço, sua própria “clientela” mudou. No início, vinham ciganos; agora, é uma

população multicultural que se apresenta: de sul-americanos, europeus do Leste, de nordestinos africanos recém-chegados. Muitas famílias instalam-se legalmente na cidade, mas só algumas conseguem trabalho; outras vivem na precariedade com ajuda da solidariedade popular.

Hoje, a Obra Social do Abade Frédéric é dirigida pelas Filhas da Caridade aposentadas e voluntários eficientes. Uma boa administração dos recursos humanos e materiais dá a possibilidade de realizar muitos projetos. O Centro abre às 17h30 e acolhe 190 crianças de 3 a 14 anos. Cada um chega com uma carteira que permite participar de uma atividade de acordo com sua idade. Às 19h, os pequeninos do maternal retornam para casa com seus pais, os maiores às 20h.

Estas são as diferentes atividades do Centro:

- Acolhimento e jogos para os pequenos de 3 a 5 anos.
- Curso de reforço escolar para a Educação primária e secundária.
- Curso de informática em pequenos grupos.
- Sessão de cinema, um dia por semana,
- Lanche consistente e equilibrado, de segunda a sexta-feira (para substituir eventualmente uma refeição)
- Curso de corte-costura para as mães que desejam.

O respeito do regulamento do Centro constitui um tipo de contrato com as famílias e garante uma presença regular. Estamos em contato com as escolas da cidade onde as crianças são matriculadas.

O regulamento exige:

- Atendimento diário no Centro
- Não faltar a escola sem razão justificada.
- Ter um comportamento normal durante as atividades.
- Respeitar as pessoas que animam as diferentes atividades.
- Respeitar a mobília e os objetivos do Centro.

Se as crianças não vêm regularmente ao Centro, sem razão válida, a família não recebe o pacote de alimentos distribuído todas as sextas-feiras.

Falar do regulamento, das ausências injustificadas e das sanções, pode parecer frio e anacrônico... mas, estas são a chave do bom funcionamento da Obra. As famílias ficam contentes, os doadores colaboram porque sabem que suas doações são bem administradas. As instituições públicas reconhecem a obra como uma parceria válida em seu programa de educação cívica.

A idade dos voluntários varia de 16 a 85 anos. Alguns oferecem seus conhecimentos e sua pedagogia, as outras velam pelo bom funcionamento da cantina ou descascam os legumes para a preparação das refeições. Atualmente, pensou-se em propor novas atividades para os adolescentes de 14 a 16 anos. Diariamente, das 17h30 às 20h00, a casa é um hino à caridade, um exemplo do que pode oferecer “uma aposentadoria ativa” em atitude de serviço.

Irmã Rosa MENDOZA
Correspondente dos Ecos

TESTEMUNHO DAS IRMÃS

Província de Cracóvia

Processos para que a Escola pública primária
de Szczodrowo
tenha o nome de “Irmã Marta Wiecka”

QUEM É IRMÃ MARTA WIECKA?

Nascida no dia 12 de janeiro de 1874 em Nowy Wiec, na região de Pomorze, Marta Wiecka foi batizada 6 dias depois na Igreja de Szczodrowo, distante 2 km de sua casa natal. Sua região foi anexada à Prússia porque, nesta época, a Polônia foi tirada do mapa do mundo como país. É o período difícil do Kulturkampf (Luta pela cultura) que foi particularmente violento na Prússia no combate contra a Igreja e a identidade polonesa (A população polonesa, sustentada pela Igreja, resiste a este governo em defesa da identidade nacional e da fé católica). Pequena, Marta frequenta a Escola popular de Nowy Wiec e a Igreja de Szczodrowo para participar das celebrações mariais durante os meses de maio e outubro.

Marta vive numa família profundamente católica e patriótica. Levando em conta a ideologia política reinante, a escola proíbe aprender a língua polonesa, a história da Polônia, a fé católica. Mas, Marta recebe tudo isto em sua família.

Para se preparar para a primeira Comunhão, Marta não hesita em caminhar 12 km para ir até a Igreja paroquial de Skarszewy. No dia 3 de outubro de 1866, ela faz sua primeira Comunhão lá e continua a vir participar da Missa dominical, pois na Igreja de Szczodrowo só havia celebração uma vez por mês.

Aos 18 anos, ela entra na Companhia das Filhas da Caridade, em Cracóvia. Durante 12 anos, ela serve com muita dedicação os doentes do hospital geral de Lvov, os doentes de Podhajce e de Bochnia. Os últimos anos, em Sniatyn, ela os servirá até doar sua vida num ato de amor heróico. Com efeito, apesar do perigo incurso, ela substitui um empregado para desinfetar ela própria o quarto de um doente de tifo. Ela contrai a doença e morre em Sniatyn (atualmente a Ucrânia), no dia 30 de maio de 1904.

À pedido da população desta região e o culto que ela mantém, o processo de beatificação foi aberto no dia 26 de junho de 1997, na Diocese de Lvov. O interrogatório relativo à Serva de Deus termina-se no dia 30 de junho de 1998, em Lvov.

Em seguida, os Atos do processo foram transmitidos à Roma. No dia 9 de abril de 1999, a Congregação para as Causas dos Santos em Roma, publica um decreto aprovando a validade do processo de beatificação ao nível diocesano. O decreto sobre o heroísmo das virtudes de Irmã Marta foi promulgado no dia 20 de dezembro de 2004 pelo papa João Paulo II.

Nós esperamos que em breve, o processo de beatificação de Irmã Marta terminará em Roma e que ela seja contada entre os bem-aventurados.

A CASA NATAL DE IRMÃ MARTA HOJE

A casa natal de Marta está situada na maravilhosa paisagem, tão pitoresca, da terra pomeraniana. Os campos são cultivados até o último centímetro, as estradas, lembram aquelas de antigamente, cercadas com madeira e verdura, as casas têm jardins floridos bem cuidados, com ninhos de cegonhas, sinais da pureza da natureza. Atualmente, sua casa não é mais habitada por sua família, mas guarda-se a lembrança gratificante de Marta. A casa é habitada atualmente pela família Dworaczek. Na propriedade se encontrava uma estátua de São João Neponuceno. E Marta tinha uma grande devoção a este santo, mas esta estátua foi destruída durante a Segunda Guerra Mundial. Considerando a abertura do processo de beatificação de Irmã Marta, os autores da Galeria de Fotos “Pequenas Pátrias”, com o acordo da Companhia e do governo local da Igreja, tiveram a iniciativa de substituir por uma nova estátua na antiga casa de Marta.

PREPARAÇÃO DA CERIMÔNIA DE 20 DE SETEMBRO DE 2006 COM OS ALUNOS DA ESCOLA PRIMÁRIA DE SZCZORDOWO

A diretora da Escola primária de Szczordowo, Senhora Potrac, busca com os professores e os pais, um patrono para sua Escola. Juntos, eles escolhem Irmã Marta Wiecka e decidem dar seu nome à Escola pública de Szczodrowo. A diretora diz: “*Ela é uma de nós*”. Irmã Marta Wiecka é um bom exemplo para os alunos. Depois de ter recebido o acordo do distrito municipal e da Companhia das Filhas da Caridade de Cracóvia, a diretora convida o Bispo da Diocese de Pelplin, aproveitando a ocasião de sua visita na Paróquia de Szczordowo.

A cerimônia do pedido foi fixada para 20 de setembro de 2006. A diretora e os professores prepararam as crianças a nível de conhecimento da vida de Martha e ao nível espiritual graças a uma exposição com 5 quadros grandes e várias fotografias. O primeiro apresentando o decreto sobre o heroísmo das virtudes de Irmã Marta, o segundo: as informações sobre a vida de família de Marta, o terceiro: a atividade apostólica de Irmã Marta junto as Filhas da Caridade, o quarto: as relações de Irmã Marta, Filha da Caridade com sua família, o quinto: o túmulo de Irmã Marta no cemitério, em Siatyn, lugar de veneração, frequentemente visitado por católicos, ortodoxos, greco-católicos e mesmo por cristãos de outras religiões. Irmã Irène Chorała propõe uma breve apresentação da Companhia e a Medalha Milagrosa.

DUAS CERIMÔNIAS SE SUSCEDEM

O pedido feito ao Bispo para dar à Escola de Szczodrowo o nome de Irmã Marta Wiecka

No dia 20 de setembro de 2006, sua Eminência Bernard Jan Szlaga chega a Szczodrowo em companhia de vários padres. Um grupo grande de Filhas da Caridade de Cracóvia, Chelmno, etc... vieram para a cerimônia bem como os membros da família de Marta, dentre os quais um padre e uma religiosa.

Depois de uma palavra de boas-vindas, a diretora deposita nas mãos do bispo o pedido para dar o nome de Irmã Marta à sua Escola invocando a necessidade de modelos para educar as novas gerações. O bispo expressa sua posição positiva diante deste pedido. Ele chama Irmã Marta “o sal desta terra”, e sua morte “um martírio branco” pois, ela deu sua vida pelo outro. Ela pode nos ensinar como viver amando os outros. A intervenção do bispo é seguida de um concerto onde a Senhora Natália Tachtajewa apresentou três composições de Bach que foram muito aplaudidas. Em seguida, foto lembrança e inscrição nos Anais da Escola.

A cerimônia para nomear oficialmente a escola de Szczordow ficou marcada para o dia 30 de maio de 2007, dia em que será celebrado o 103º aniversário da morte de Irmã Marta. Em seguida, os convidados se deslocaram para Nowy Wiec para a bênção solene da estátua de São João Neponuceno.

A bênção da estátua de São João Neponuceno

A multidão parte em procissão com o bispo no caminho de Szczordowo em Nowy Wiec para a bênção solene da estátua de São João Neponuceno. Chegando diante da estátua, a procissão se une a uma outra multidão já presente perto da casa natal. Monsenhor Szlaga chega e o vigário da paróquia pede ao bispo para abençoar a estátua, desejando que São João Neponuceno se torne o chefe da região.

Então, o vice-prefeito de Skarszewy agradece o bispo e a todas as pessoas que contribuíram de uma maneira ou de outra nesta obra. Irmã Jozefa agradece cordialmente aqueles que tiveram a idéia de restaurar a estátua de São João Neponuceno diante da casa natal de Irmã Marta.

Irmã Adolfina DZIERZAK
Filha da Caridade

PALAVRA DOS POBRES

Província de Bélgica

6 Anos, é muito ou pouco?

Eu penso que 6 anos vividos em um país que não é o seu, sem direitos, sem ajuda social nem médica, sem licença para trabalhar, sem possibilidade para estudar, sem poder enfrentar o futuro, é muito. Além disso, é preciso viver cada dia, alimentar sua família, enviar as crianças à escola, manter seu nível profissional. Todos os meus esforços concentraram-se na integração de minha família na sociedade. Doar sangue à Cruz Vermelha, eu tentei retomar os estudos antes de saber que isto não me era permitido legalmente. Participei de atividades organizadas pelas Associações do distrito municipal onde eu moro. Em meu país de origem, Ucrânia, eu era médico-cirurgião e minha esposa enfermeira. Eu não deixei meu país por razões econômicas porque eu tinha largamente do que prover às minhas necessidades, mas porque eu não via futuro lá por causa dos problemas políticos. Eu não vim para a Bélgica para tirar proveito de um sistema, mas para encontrar, enfim, um país onde eu poderia me tornar um bom cidadão. A população belga exige que os estrangeiros se integrem na sociedade e eu fiz tudo para me integrar. Mas, responderam-me frequentemente que ninguém me obrigaria a fazer. Como esperar ainda? Foi graças ao acolhimento-Famenne e a Abadia São Remy e à generosidade das pessoas encontradas que minha família pôde sobreviver, caso contrário, eu teria me tornado um mendigo com meus filhos nascidos na Bélgica. Eu quero dizer um grande obrigado aos Belgas que não abandonaram a minha família, que mostraram muita generosidade, não só financeira. Mas, muitos nos apoiaram durante este longo período, nos deram o calor do coração e a esperança para viver. O que eu encontrei na Bélgica foi graças a eles. Um obrigado especial àqueles que nos ajudaram a aprender o francês e a abrir-nos à cultura belga.

Graças a formidável ajuda da equipe do Acolhimento-Famenne, eu pude fazer várias negociações para emigrar para o Canadá, a fim de exercer lá a minha profissão. Eu obtive a

autorização para viajar a partir do mês de setembro. Deus é testemunha da nossa vontade de nos integrar na Bélgica, apesar dos obstáculos administrativos. Eis porque eu sinto a dor de não ter podido realizar meu sonho de tornar-me belga. Conservo boas recordações de todos os bons momentos passados com meus amigos belgas neste belo país.

Vladimir

Trecho do boletim da união dos amigos do Acolhimento-Famenne Rochefort

FONTES E ATUALIDADES

Nossa Senhora da Missão

A estátua da Virgem Maria, venerada na Capela São José da Casa Mãe, é conhecida com o nome de “Nossa Senhora da Missão”.

AS ORIGENS

Alta de 1,20 metro, a estátua de pedra assemelha-se pela sua forma aos modelos de Virgem que o Louvre possui e que datam do século XIV.

Sua beleza conferiu-lhe a singular honra de estar sobre a famosa porta da antiga Paris de Philippe Augusto, rua Saint-Denis. Assim, durante os anos, esta Virgem viu passar a seus pés os reis e rainhas da França, fazendo sua entrada solene na capital ou serem levados à sua última morada na Abadia real de Saint-Denis.

Em **1671**, para aumentar a Cidade, a porta histórica foi destruída e a estátua colocada numa casa vizinha, na esquina do beco sem saída dos Pintores (114, rua Saint-Denis).

Em **1680**, esta casa foi demolida e a estátua abandonada numa valeta.

Em **1681**, por vontade e insistência de Mathurine Guérin, ela foi tirada desta valeta para ser instalada com honra no meio do pátio de nossa primeira Casa-Mãe, no Bairro de São Lázaro, paróquia de São Lourenço.

A identidade nominal da estátua nos foi dada por Mathurine Guérin. Nós podemos ler em suas anotações, escritas em 1706 por Marie Moreau: “*Ela foi nomeada nossa Senhora da Vitória porque entrou em nossa casa naquele dia*”. **Era o dia 18 de agosto...** Nesta data, todos os anos, desde o século XIV, era celebrada na Catedral Notre Dame de Paris “a festa de Nossa Senhora da Vitória”.

Com efeito, foi em 1304 que o rei da França Philippe, o belo, para agradecer a Virgem por suas vitórias e por uma proteção especial, estabeleceu em Notre Dame de Paris uma festa que era celebrada todos os anos, no dia 18 de agosto sob o título de “festa de Nossa Senhora da Vitória”. Assim, a bela Estátua da Virgem com o menino entrou na história da Companhia com o nome de “Nossa Senhora da Vitória”.

DE NOSSA SENHORA DA VITÓRIA PARA NOSSA-SENHORA DA MISSÃO

Os riscos da história exigiram vários deslocamentos da Casa-Mãe e então várias transferências da estátua.

Depois de ter sido escondida numa casa do subúrbio durante a Revolução, ela foi transferida em **1801** para a Casa-Mãe, rua do Vieux Colombier, reinando no meio do pátio como guardiã vigilante.

Em **1815**, uma nova transferência ocorreu para a **na rua do Bac, 140**. A estátua foi instalada primeiramente “*num pequeno altar na sala dos retiros anuais, sobre a Capela*”. Foi neste mesmo altar que, em 1840, Maria se manifestará a uma Filha da Caridade, Justina Bisqueyburu para confiar-lhe o escapulário verde cuja devoção operará curas e conversões.

Em **1851**, a sala de retiro tornou-se muito pequena para as retirantes e foi transformada em rouparia onde as Irmãs trabalhavam para os Padres da Missão. Confiaram também a estas Irmãs o cuidado do altar para enfeitar e iluminar a estátua da Santíssima Virgem.

A rouparia São Lázaro foi rapidamente denominada “Escritório da Missão”. Foi assim que as Irmãs que trabalhavam neste escritório passaram a denominar esta estátua de “Nossa Senhora da Missão”.

AS INTERVENÇÕES MILAGROSAS DE NOSSA SENHORA DA MISSÃO

Desde o início da Companhia, Luísa de Marillac colocou-a sob a proteção da Virgem Maria e escolheu-a como única Mãe. Ato fundamental às repercussões insuspeitas. A história da Companhia testemunha alguns.

Assim, no dia seguinte de sua instalação na casa de São Lourenço, a estátua de Nossa Senhora da Vitória revela-se sinal eficaz de proteção. O mesmo acontecerá em cada casa nova.

São Lourenço – primeira Casa-Mãe

Em **1681**, quando um andaime se desmoronou, arrastando dois operários que se acreditou terem morrido, “*Irmã Mathurine ajoelhou-se diante da imagem (da estátua) da Santíssima Virgem, implorando que tivesse piedade destes dois homens e obtivesse de seu querido Filho as graças de que eles necessitavam. Enquanto ela rezava, eles levantaram-se sãos e salvos como se nada tivesse acontecido*”.

Em **1785**, Mandrin, um malfeitor famoso, foi condenado à morte. Antes de morrer, ele pediu para ver a Superiora geral e lhe disse: “*minha Irmã, eu não quis morrer sem vos prevenir que em sua casa, há uma janela muito baixa e sem grades, pela qual pode-se facilmente, entrar na casa; eu e meus amigos, mais de quinze vezes ali nos apresentamos e teríamos entrado em sua casa, sem uma senhora que está no meio do pátio; mas, com o seu braço, fez-nos retroceder, de maneira que sempre nos foi impossível passar; entretanto, creio que seria bom a senhora mandar colocar grade nesta janela. Eis minha Irmã, a confissão que eu gostaria de fazer antes de morrer*”.

Rua do Vieux Colombier – segunda Casa-Mãe

*“Uma noite, uma Irmã da portaria esqueceu de fechar a porta da entrada. Os vizinhos vendo a porta da casa das Irmãs aberta durante a noite e um vigia fazendo a guarda, diziam-se que provavelmente as Irmãs esperavam algumas pessoas que deveriam chegar e que, por este motivo, tinham pedido um guarda para a noite; ao amanhecer, o guarda tinha desaparecido. A surpresa da Irmã porteira foi enorme quando, pela manhã, encontrou a porta aberta e soube como a casa tinha sido guardada. O comissário foi avisado. Ele disse que não tinha enviado ninguém para fazer a guarda. **As Irmãs concluíram então que a Santíssima Virgem tinha encarregado um de seus Anjos para proteger a Comunidade**”.*

Rua do Bac – terceira Casa-Mãe

Vindo entregar paramentos litúrgicos valiosos, oferecidos às Irmãs para a Capela, dois homens decidem roubá-los durante a noite. Mas na hora de executar o projeto odioso, foram imobilizados por uma paralisia providencial.

Pela manhã, eles recuperaram os movimentos e a fala diante da Superiora: *“Estávamos a ponto de executar (nosso projeto), mas como no momento em que colocávamos a mão para abrir o móvel, esta senhora que está aqui (mostraram, trémulos, a santíssima Virgem) aproximou-se de nós e nos amarrou tão fortemente que não podíamos nos movimentar, falar, nem mesmo olhar-nos durante toda a noite; porém, no momento em que a senhora (Irmã) nos falou sentimo-nos como desatados. Oh! Minha Irmã, não nos entregue às galeras, estamos arrependidos e corrigidos para toda a vida”.*

Muitos outros fatos milagrosos poderiam ser relatados, mas os mais importantes referem-se ao foro íntimo e são mantidos no segredo do coração.

ÚLTIMAS MUDANÇAS

A estátua de Nossa Senhora da Missão permanecerá no “Escritório da Missão” até em 1930. Nesta data, e devido a trabalhos, ela será instalada **na** tribuna da Capela... 100 anos depois das Aparições da Virgem Maria a Catarina Labouré.

Por ocasião dos trabalhos feitos em 1980, a estátua foi deslocada pela última vez, para ser instalada no centro da Capela São José, lugar onde é venerada hoje.

*Nossa Senhora da Missão,
Nossa Senhora da Medalha Milagrosa,
Maria está sempre aqui no coração da Companhia.
As estátuas de Maria são propostas para nossa fé
como sinais sensíveis de sua presença materna e de sua proteção permanente.
Possamos nós não esquecê-la!*

Irmãs do Serviço dos Arquivos
Casa-Mãe

Cobertura 3

Digam que eu era um tambor-mor...

Quando eu for unir-me ao meu Criador,
que aquele que pronunciar a minha oração seja breve.
Se ele desejar saber o que eu gostaria de ouvir,
Digam-lhe para não mencionar meu Prêmio Nobel da Paz:
é sem importância.
Que ele não cite minhas 300 ou 400 outras recompensas:
é sem importância.
Que ele não fale de meus estudos.

Eu gostaria que dissessem, neste dia,
que Martin Luther King tentou colocar sua vida a serviço dos outros.
Gostaria que dissessem, neste dia, que Martin Luther King tentou amar. Gostaria que
dissessem que eu tentei ser justo.
Quero que possas dizer, neste dia,
que eu tentei alimentar aqueles que tinham fome.
Quero que possam dizer que eu tentei vestir aqueles que estavam nus.
Gostaria que dissessem, neste dia,
que eu tentei visitar aqueles que estavam presos.
Gostaria que dissessem que eu tentei amar e servir a humanidade.

Digam que eu fui um tambor-mor: um tambor-mor pela justiça,
um tambor-mor pelo país, um tambor-mor pelo bom direito.
Todo o resto é fútil e não contam.
Eu não deixarei dinheiro atrás de mim.
Eu não deixarei para trás uma vida de luxo e de beleza.
Quero deixar atrás de mim apenas uma vida de dedicação.
É tudo o que eu tenho a dizer.
Se eu puder ajudar alguém em minha passagem,
se eu puder animar alguém com uma palavra ou uma canção,
se eu puder mostrar o caminho certo,
então minha vida não terá sido vã.
Se eu puder fazer meu dever de cristão,
se eu puder contribuir para a salvação deste mundo,
se eu pude levar a mensagem de Cristo,
então eu não terei vivido em vão.

Martin Luther King

Trecho de um de seus últimos sermões, pronunciado alguns dias antes de seu assassinato